

**AUDIÊNCIA PÚBLICA SOBRE O CASO LUIZ EDUARDO DA  
ROCHA MERLINO**

**COMISSÃO DA VERDADE**

**PRESIDENTE**

**DEPUTADO ADRIANO DIOGO – PT**

**13/12/2013**

## COMISSÃO DA VERDADE

### BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.

13/12/2013

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Comissão da Verdade do Estado de São Paulo, Rubens Paiva, 106ª audiência pública, 13 de dezembro de 2013, Dia do Ato 5, 45 anos do Ato 5, Ato Institucional número 5, Auditório Paulo Kobayashi. Está instalada a 106ª audiência pública da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo, Rubens Paiva, no dia 13 de dezembro de 2013, no Auditório Paulo Kobayashi para oitiva de depoimentos sobre o caso Luiz Eduardo da Rocha Merlino. Esclarecemos que a Comissão da Verdade pretende realizar todas as suas audiências abertas ao público.

Então eu vou passar à composição dessa Mesa, essa Mesa de Abertura é constituída pela Ângela Mendes de Almeida, pelo Nicolau, pela nossa companheira Ministra Eleonora Menicucci de Oliveira e pelo professor Fábio Konder Comparato.

Então, eu queria inicialmente solicitar que a gente ouvisse uma música que era uma música muito importante para o Merlino. Ele conheceu logo que ela foi composta na França, "Soldadito de Bolívia", junto com uma exposição de fotos da juventude do Merlino, da vida do Merlino.

Então queria, na memória do Merlino, uma das coisas que ele mais gostava realmente foi esta música, acho que composição e interpretação do Paco de Ibañez, e que nós preparamos para começar a fazer esta cerimônia em memória do Merlino. Em seguida nós vamos fazer a vídeo-biografia do Merlino interpretada pelo Celso Frateschi. Aí nós vamos passar pelos depoimentos dos companheiros.

Então, essa é a sequencia. É uma cerimônia grande onde nós pedimos a todas as pessoas que vieram contribuir, tal, que tenham a sua palavra assegurada no tempo necessário para que todo mundo possa falar. Então vamos lá. Dá um contrastezinho, por favor.

#### **\*\*\* Apresentação da música "Soldadito de Bolívia" \*\*\***

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Bom. Celso Frateschi.

#### **\*\*\*Vídeo-biografia de Luiz Eduardo da Rocha Merlino\*\*\***

“Meu nome é Luiz Eduardo da Rocha Merlino, meus companheiros me conheciam como Nicolau. Quando tinha 23 anos fui preso no dia 15 de julho de 1971, fui levado para o DOI-CODI de São Paulo, na Rua Tutoia, torturado seguidamente por 24 horas no pau de arara, jogado em uma solitária e no dia 19 eu estava morto por gangrena nas pernas.

Nascido em Santos em 1948, ali cresci e estudei. Na década de 1960, já engajado na luta contra o subdesenvolvimento e o imperialismo norte-americano, ainda como secundarista participei do Centro Popular de Cultura da UNE.

Em 1966 vim para São Paulo onde, com apenas 17 anos, integrei a primeira equipe do recém-fundado “Jornal da Tarde”. Um jornal que iniciava uma estética inovadora no jornalismo brasileiro.

Eu era um jovem que amava a vida, curioso de tudo à volta de mim. Gostava tanto de jazz quanto de samba, de Dave Brubeck e Adoniran Barbosa, lia Fernando Pessoa e Sartre.

Eu acompanhava ativamente o movimento estudantil nas assembleias na Rua Maria Antônia. Ali conheci e passei a viver com minha companheira Ângela Mendes de Almeida. Em 1968 entrei para o curso de História da USP.

Em 1968 fui trabalhar na “Folha da Tarde” que seguia a mesma estética do “Jornal da Tarde”, e naquele tempo procurava dar cobertura à esquerda e ao movimento estudantil, como foi o caso do 30º Congresso da UNE em Ibiúna, onde fui preso junto com outros estudantes e ainda cobri, como jornalista, os acontecimentos.

Mas depois do Ato Institucional nº 5, em dezembro de 1968, aquilo começou a tornar-se um antro de colaboradores da repressão política. Pedi demissão e fui trabalhar em um jornal secundário, o “Jornal do Bairro” de Pinheiros para preservar a minha militância.

Quando fui preso fazia apenas 3 dias que acabara de voltar de uma viagem à França onde passara 6 meses com minha companheira Ângela Mendes de Almeida em um estágio de estudos e discussões com a Quarta Internacional e a Liga Comunista Revolucionária.

Eu e ela tínhamos escrito teses sobre o movimento operário e aquilo que então chamávamos “Guerra Revolucionária” para apresentar aos companheiros da nossa organização, o Partido Operário Comunista.

Eu tinha voltado com meus documentos legais, meu passaporte, pois até então os torturadores conheciam o meu nome de guerra, Nicolau, mas não sabiam quem eu era. No dia da minha prisão, por volta das 21 horas, eu estava na casa de minha mãe, Iracema Merlino, em Santos quando um homem de trajes civis bateu na nossa porta. Dizia que era um amigo e deu um nome.

Eu já tinha ido deitar e disse à minha irmã Regina que não conhecia ninguém com aquele nome. Quando ela voltou à porta, o desconhecido dizendo ser do Exército, entrou na casa acompanhado de mais dois homens armados de metralhadoras, enquanto outro ficava escondido do lado de fora. Logo ao entrar, um deles alto e forte, agrediu Regina com o cabo da metralhadora dizendo-lhe: “senhora ou senhorita eu não vou dar moleza para você. Eu sou semianalfabeto, mas não tenho irmão terrorista”.

Sem nervosismo eu pedi a eles que deixassem meus familiares em paz, o que fez com que o agressor baixasse a metralhadora e parasse de insultar a minha irmã. Em seguida entraram no meu quarto e revistaram todos os meus pertences perguntando insistentemente por Ângela que havia ficado em Paris.

Quando saíam comigo preso, um dos policiais disse: “é melhor levar dinheiro para a volta pois daqui a pouco ele será solto”. Minha mãe acreditou e me deu uma pequena quantia em dinheiro que jamais seria usado para a passagem de volta. Saímos em um corcel verde e um dos policiais ainda fez cinicamente um sinal de adeus para Regina e minha mãe.

Nos dias seguintes a casa permaneceu constantemente vigiada e todas as pessoas que iam visitar meus familiares passavam a ser seguidas ostensivamente. Logo que cheguei no DOI-CODI passei a ser brutalmente torturado pela equipe que estava torturando Leane de Almeida.

Fui torturado nu, no pau de arara, enquanto Eleonora Menicucci era torturada na cadeira do dragão, um instrumento de tortura que é uma cadeira que dá choques elétricos.

Depois de 24 horas de pau de arara, meu corpo já inchado e com grandes feridas que sangravam, fui arrastado para uma cela solitária. Um preso político de outra organização registrou em anotações, feitas nos anos 1980, que me viu ser retirado depois de passar a noite nas mãos do JC, apelido de Dirceu Gravina, investigador da Polícia paulista.

A cela tinha portas de chapas de ferro e sem janelas, chão de cimento e colchão sujo de sangue, dentro não se enxergava nada. Meu companheiro de cela solitária, Guido Rocha, que não me conhecia,

contou depois que viu quando eu entrava muito machucado, carregado pelos torturadores, pois não conseguia estar de pé.

Ele disse que no começo consegui conversar comigo, que eu estava tranquilo e com segurança, apesar da voz fraca, que disse meu nome, que tinha estado na França. Depois eu comecei a piorar. O Guido contou que trouxeram um preso à cela para ser acareado comigo e que eu só respondia por gestos.

Eu disse ao Guido que estava sentindo dormência nas pernas. Depois dessa acareação, levaram-me para o pátio em frente da solitária e me puseram em uma mesa. Segundo Guido e outros companheiros que viram esta cena, tentavam reanimar as minhas pernas com massagens feitas por um torturador-enfermeiro.

Pelo fato de que muitos presos estavam vendo, disse Guido, eles me trouxeram de novo para a solitária para fazer o teste do reflexo. Não havia resposta nenhuma. Guido disse para este torturador-enfermeiro que meu estado era grave e que eu devia ser levado a um hospital.

Mas como resposta recebeu uma fala irritada. Depois o meu estado piorou ainda mais. Guido me deu uma pera e eu vomitei sangue. Eu estava compreendendo que estava morrendo e fiquei nervoso. Pedi ao Guido que chamasse o torturador-enfermeiro. Ele bateu com força na porta, vieram o torturador-enfermeiro e vários outros torturadores e me levaram.

Uma companheira presa, que estava no andar de cima, foi suspensa por outras e pode ver por um basculante alto que jogavam um corpo no porta-malas de um carro, com grande estardalhaço. Depois um companheiro assistiu a um telefonema atendido pelo Coronel Ustra em que perguntavam se era para avisar a família em caso de amputação das pernas.

O Coronel respondeu que não era para avisar. Um ano depois, um torturador chamado Oberdan, contou ao meu amigo Joel Rufino dos Santos, que estava então preso e sendo torturado, que teria havido uma votação sobre a escolha entre cortar as minhas pernas ou deixar-me morrer, ganhou esta última posição.

Nenhuma autoridade avisou a minha família da minha morte. Depois de cinco dias de minha prisão, meu cunhado Adalberto Dias de Almeida que era delegado de Polícia Civil em Santos recebeu, através de um telefonema, a notícia de que eu havia me suicidado. De acordo com a versão dada, eu teria me jogado embaixo de um carro na BR116, na altura de Jacupiranga.

Essa versão consta no laudo necroscópico e na certidão de óbito assinados pelos médicos legistas Isaac Abramovitch e Abeylard Orsini. No entanto, em nenhum momento a família acreditou que a versão fosse verdadeira. Mas meu corpo não foi entregue e por isso, dois tios meus e meu cunhado foram ao Instituto Médico Legal de São Paulo.

O Diretor do IML, Arnaldo Siqueira, negou que o corpo estivesse ali, porém meu cunhado, utilizando-se da sua condição de delegado, entrou por uma porta lateral e começou a abrir as portas de todas as geladeiras até encontrar o meu corpo com evidentes marcas de bárbara tortura.

Voltando à portaria do IML, desmascarou o diretor e a família exigiu que meu corpo fosse entregue, mas entregaram em um caixão lacrado. Alguns jornalistas amigos foram até o local do suposto atropelamento e não encontraram nenhum sinal da ocorrência. Um mês depois, o jornal “O Estado de São Paulo” publicou um anúncio fúnebre de uma missa de 30º dia da minha morte, a ser realizada na catedral da Sé.

A igreja estava cheia e na cerimônia os mesmos três homens que haviam ido à minha casa prender-me, tiveram a audácia de comparecer e até, clinicamente, dar os pêsames à minha mãe e à minha irmã”.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Quero passar a palavra ao professor Fábio Konder Comparato. Ele vai fazer uso da palavra e se retirar por problema de saúde em família. O professor veio, mas vai fazer a sua fala, a sua contribuição e vai pedir licença para se retirar. Então, com a palavra o professor Fábio Konder Comparato.

**O SR. FÁBIO KONDER COMPARATO** – Exmo. Senhor Presidente da Comissão da Verdade, Deputado Adriano Diogo, ilustres componentes desta Mesa, caras amigas e caros amigos.

Eu cheguei a esta Assembleia, nesta sala e fiquei, devo dizer, um tanto surpreso porque vi várias pessoas com sorriso nos lábios. Nós estamos vivendo um dos momentos mais tristes da nossa história porque, por incrível que pareça, a grande maioria, quase a totalidade da população já não sabe mais o que foi o regime militar, aliás, o regime empresarial militar. E não sabe e nem quer saber dos horrores cometidos em nome da democracia e da pátria.

De acordo com um relatório da Comissão, aliás, da Arquidiocese de São Paulo, durante o tempo em que o Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra comandou o DOI-CODI, ou seja, de janeiro de 1970 a dezembro de 1973. Ou seja, praticamente quatro anos, ocorreram 40 mortes no DOI-CODI e mais de 500 pessoas foram torturadas. Não é qualquer tipo de tortura, não. Muitos desses mortos faleceram em consequência das torturas.

Pois bem, até hoje, creio que não passam de duas as ações civis propostas contra o Coronel Ustra por sequestro, por tortura, por assassinio e por desaparecimento forçado.

Eu tive a honra, mas honra triste, como sempre, de representar duas famílias que passaram pela casa de horrores do DOI-CODI ou cujos familiares assim sofreram, inclusive os familiares de Merlino, sua companheira está aqui ao meu lado e a irmã, dona Regina.

Na primeira ação da família Teles, o Coronel foi reconhecido como torturador e não se pediu nenhuma indenização porque quem me ensinou isso foi Inês Etienne Romeu. Pela primeira vez neste país, depois de 20 anos da Lei de Anistia eu fui procurado pela Inês Etienne Romeu, acompanhada de um ex-colega meu, membro ativo do Partido Comunista e que me disse que eu precisava fazer alguma coisa porque os advogados não queriam fazer nada.

E eu então, depois de ela me contar a história de que foi a única pessoa a sair com vida da casa da morte em Petrópolis. Eu disse a ela, “Dona Inês, já transcorreram mais de 20 anos de tudo o que a senhora me conta”. Naquela época havia prescrição para os danos provocados com violação flagrante de direitos humanos. Eu disse agora não dá mais para propor uma ação de indenização. Ela me olhou furiosa e disse “Dr. Comparato eu não quero um tostão desse governo! Porque esse dinheiro vem do povo, o senhor não vai fazer isso”.

Aí eu entendi a lição e eu disse "pois não". Então eu vou propor simplesmente uma ação declaratória. “O que eu quero”, ela repetiu “é que a Justiça do meu país” pobre Justiça, não? “Reconheça que eu fui sequestrada em São Paulo, fui torturada imediatamente no DOPS, fui levada ao Rio de Janeiro, fui torturada nas dependências do Exército. Tive a ideia de me suicidar, então disse imediatamente aos meus torturadores que sim, eu ia contar tudo. Que tinha um encontro com meus companheiros, etc. Fomos lá para os arredores do Rio de Janeiro, eles se afastaram, eu imediatamente eu me joguei diante de um ônibus e com grande infelicidade não morri”. Foi levada para a Casa da Morte, passou 6 meses sendo torturada quase todos os dias, foi estuprada 3 vezes, foi acompanhada por um canalha, médico do Exército, e só se salvou porque o pai era coronel reformado.

Então vejam, não é possível. Na Argentina a Lei de Anistia foi anulada. Mais de 200 militares e policiais foram condenados, dois ex-presidentes da república, ou melhor, dois ex-ditadores foram

condenados à prisão perpétua e um deles Jorge Videla morreu na prisão. E no Brasil, nenhum, nenhum sequer dos torturadores foi condenado com trânsito em julgado.

Pior, há dois dias atrás houve uma audiência criminal, apesar da decisão do Supremo Tribunal Federal de considerar a Lei de Anistia válida, uma audiência criminal contra p Ustra e dois outros torturadores. Ao terminar esta audiência o que que se viu? Havia manifestantes, não para apoiar as vítimas e familiares, para apoiar os torturadores. Foram proclamados heróis nacionais.

Qual é a conclusão que nós devemos tirar de tudo isso? A mentalidade brasileira está envenenada há séculos, nós fomos o último país do ocidente a abolir a escravidão. Até hoje depois de quatro séculos de escravidão legal nós não ensinamos nada às nossas crianças nas escolas o que foi a escravidão.

E todos nós temos no fundo da nossa consciência um pouco dessa herança ao tratarmos as nossas empregadas domésticas, ao tratarmos os negros, ao tratarmos os pobres, e ao considerarmos as autoridades, inclusive policiais. Uma pesquisa de opinião pública do IBOPE há alguns anos constatou que um quarto dos entrevistados reconheceu que a Polícia tem o direito e o dever de torturar os suspeitos para apurar a autoria. E aí, o lado bem brasileiro quase 90% dos entrevistados se disseram favoráveis ao respeito aos direitos humanos.

Então, concluindo, há só dois caminhos, um deles, que a meu ver é fundamental, é a educação em direitos humanos. Vocês dirão, "nós não podemos fazer nada". Sim. Podemos fazer e muito. Paulo Freire enquanto vivia suscitou um número considerável de pequenos cursos de direitos humanos, e na Prefeitura de São Paulo, no município de São Paulo introduziu o ensinamento de direitos humanos na escola fundamental.

E a outra coisa que nós poderíamos e deveríamos fazer, senhores advogados, senhores juízes, é propor uma ação. Não importa que as ações não sejam acolhidas, aos poucos se nós fomos multiplicando as ações, a opinião pública acaba basculando do nosso lado.

Vamos agir, não podemos ficar nem tranquilos nem muito menos contentes. É preciso atuar, muito obrigado.

(Aplausos.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Eu já nessa transição vou começar a montar a segunda Mesa das pessoas, dos companheiros que estiveram presos ou que estavam presos por ocasião da prisão e da morte do Merlino.

Então, a nossa companheira Ministra já está na Mesa e eu queria chamar as pessoas, Ivan Seixas, a Ieda Seixas sua irmã, a Leane Ferreira de Almeida e o Otacílio Cecchini. Então queria pedir para todas as pessoas virem para a Mesa, para a gente começar essa parte, este testemunhal. Ivan, Ieda, Leane e Otacílio.

Fica ao lado da Eleonora, levanta. Pronto.

Eleonora, vou te passar a palavra, mas eu quero te fazer uma pergunta, deixa eu pegar o roteiro aqui, espera um pouquinho só. Bom. Com a palavra Eleonora Menicucci.

**A SRA. ELEONORA MENICUCCI DE OLIVEIRA** – Você quer que eu leia? Boa tarde a todas e todos, eu quero em especial cumprimentar a família do Merlino, a Regina, Tatiana, a Ângela, o

Nicolau, os meus amigos e amigas, ex-presos, a Ieda, o Ivan, a Leane, o Otacílio e a todas e todos que em momentos diferentes também passaram pelo que nós passamos e estão aqui.

E quero também dizer, mais uma vez, em todas as sessões que eu tenho ido, a importância da Amelinha nessa história toda do Brasil hoje, ainda quando não existia nada de Comissões da Verdade, todo mundo sabe da dedicação e do empenho que a Amelinha personifica essa história toda.

Eu vou falar pouco porque tudo o que eu tinha para falar sobre o Merlino, desde que eu estava presa, eu coloquei para mim como uma questão de ética, moral e de responsabilidade e dever como cidadã brasileira revelar a verdadeira história do assassinato brutal e lamentável do Luiz Eduardo, do Merlino.

Como já foi dito aqui no vídeo pelo Paulo Frateschi, Celso Frateschi, eu presenciei o início do assassinato do Merlino e foi exatamente tal qual ele conta no vídeo.

O Merlino não teve tempo suficiente, nenhum, ele como vários outros é um, foi uma vítima da ditadura, da brutal violência do DOI-CODI e morreu tão íntegro quanto foi, quanto ele foi no pouco tempo de existência, de vida dele.

Quando o Merlino começou a sangrar na perna, eu já disse isso várias vezes e disse a primeira vez na Assembleia, aqui, por ocasião da então Comissão de Deputados de Direitos Humanos, de Mortos e Desaparecidos, que era o Nilmário de Miranda, o deputado e eu estava perto da Ângela e a mãe do Merlino ainda era viva, eu perguntei, ela aguenta ouvir o que vai ser dito aqui?

Fora nas Auditorias Militares, acho que foi a primeira vez pública que eu falei. O sangramento e a perna do Merlino, ela começou a sangrar e essa perna, o simbolismo dessa perna na história do Brasil e na história do Merlino e na história dos assassinatos da ditadura, especialmente do assassinato do Luiz Eduardo é muito forte, e a decorrência disso foi essa violência bárbara que o Celso conta, da votação. Amputa ou deixa morrer? Não é?

O Merlino, de onde ele estiver, ele tem certeza absoluta que eu não fraquejarei, em nenhum momento eu deixarei de atender nenhum, mas nenhum chamado do Coletivo Merlino e da Ângela, ou do Nicolau, da Tatiana, para dizer, denunciar e pedir a punição.

Eu quero dizer também que a emoção que me toma, ela é igual desde a primeira vez, e eu disse para a Amelinha logo que cheguei que eu queria muito estar com ela anteontem, não é?

Dois dias, três dias. No depoimento do Ubirajara. Pelo que ele representou também e, mas a coragem da Amelinha foi uma coragem que eu me senti dentro dela. E este ato, aqui, hoje, essa cerimônia, eu gostaria muito de dizer que ela, eu quero muito dizer, não gostaria, eu quero muito dizer que ela é de lembrança, ela é de sofrimento, mas ela é, sobretudo, de celebração. De celebração de uma pessoa com a dignidade, a estatura, a grandeza do Merlino que é a grandeza, é tão grande quanto a memória, a verdade e a justiça.

E custou mas ela vem, ela vem à tona, ela brilha novamente, essa verdade, novamente não porque ela nunca brilhou, mas eu tenho certeza que como foi dito antes, é fundamental para que as gerações, porque nós já estamos mais para lá do que para cá na vida e a história tem que ser contada e recontada para que as gerações atuais e as futuras tenham certeza absoluta do que passou nesse país, e de quem foram realmente os heróis e as heroínas do nosso país.

E que deram a vida para nós podermos, vivermos nessa, na democracia, reivindicar mais democracia e para reivindicarmos que toda a história seja retirada de debaixo do tapete e que seja posta, e o Merlino faz parte dessa história e eu quero aqui reverenciá-lo e dizer para a família, para os familiares, para o Adriano Diogo e para todas e todos os que estão aqui.

Pessoas firmes e determinadas como o Coletivo Merlino contribuem fundamentalmente para que as Comissões da Verdade sejam realmente Comissões da Verdade.

O Assassinato brutal dele não vai, não está em branco, não passará mais e faz parte da história do Brasil, e é necessário, fundamental que seu nome, sua história seja lembrada e relembada e se possível, eu acho que a Juliana Cardoso não está mais aqui, não é? Está lá? É um pedido que eu vou lhe fazer, Juliana, que você entre na Câmara com um pedido, não sei se é pedido ou como é que faz, mas de uma homenagem ao Merlino, dando a uma escola o nome dele, não é? Porque como é pela educação que se transforma, é mais do que uma dívida da cidade de São Paulo com essa, com esse jovem, com esse protagonista de toda a história do nosso país. Faça isso por ele, obrigada.

(Aplausos.)

Ah, só mais uma coisa, eu queria só antes de terminar dizer que eu tenho às quatro horas, um encontro com a Presidenta, então, antes das quatro eu tenho que sair, mas eu volto à noite na Sessão.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Eleonora, eu só queria fazer essa pergunta em nome dos familiares. Existe ex-presos político que afirmou que o Merlino foi tirado do DOI e foi enviado ao HC, ele diz, “levado em coma do DOI-CODI, vi ser retirado depois de passar uma noite nas mãos do JC, Delegado Dirceu Gravina, Investigador de Polícia paulista, não delegado, investigador que não sei se era do DEIC ou do DEOPS.”

Você ouviu essa denúncia, sabe alguma coisa disso, você podia dizer aqui se, de alguma forma se isso chegou, você sabe de algum envolvimento do JC, do Dirceu Gravina, é importante para nossa Audiência que essa informação seja checada. É possível, Eleonora? Por favor.

**A SRA. ELEONORA MENICUCCI DE OLIVEIRA** – Eu lembro que era dito, foi dito que o JC e o Ubirajara teriam tirado o Merlino e levado para amputar a perna e depois nós soubemos que ele havia sido morto, o que completa, porque que a perna gangrenou, isso não tenho dúvida nenhuma, e completa com o depoimento, a fala do Celso e de outros depoimentos dessa bárbara votação, não é? Que ele foi tirado lá e a gente só não sabe se foi morto ou vivo, mas ele foi morto com a perna gangrenada.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Obrigado. Quer dizer que o Capitão Maurício Calandra também estava, além do Gravina o Calandra também estava nessa?

**A SRA. ELEONORA MENICUCCI DE OLIVEIRA** – Estava.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Entendi, está bom.

**A SRA. ELEONORA MENICUCCI DE OLIVEIRA** – Nesse momento, da sala de tortura estava ele, o JC e o Ustra.



**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Essa votação, você soube dessa?

**A SRA. ELEONORA MENICUCCI DE OLIVEIRA** – A votação não.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** Não, da votação não sabe, mas sabe se?

**A SRA. ELEONORA MENICUCCI DE OLIVEIRA** – De tortura.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** - Está bom. Então eu quero já passar a palavra para o Ivan para já começar essa fase dos companheiros. Ivan, comece, por favor.

**O SR. IVAN AKSELRUD SEIXAS** – Bom, em julho de 1971, eu fui, eu estava preso na cela 4 do DOPS em São Paulo, que eu tinha sido capturado junto com meu pai, dia 16 de abril de 1971 nós passamos por torturas, meu pai foi assassinado na tortura, minha mãe e irmãs foram também capturadas e estávamos todos em poder dos torturadores.

Eu continuei escondido no DOPS, estava na condição de desaparecido porque eu não fazia parte das listas de presos, minha mãe e minhas irmãs tinham sido já levadas para o Presídio Tiradentes, apesar de continuar em situação de incomunicabilidade ainda, e em um dia em que eu suponho que seja dia 12 de julho, o torturador Otávio Gonçalves Moreira Júnior, Delegado de Polícia, conhecido pelo vulgo de Varejeira ou Otavinho, ele chega na carceragem do DOPS e, na porta, na portinha por onde passava comida ele disse para mim, “Ivan”, “É Teobaldo” que era meu nome de guerra, “Teobaldo, arruma suas coisas que você vai para o Sul”.

Eu naquela hora, na situação que nós estávamos ali, e é importante registrar a situação que estávamos nas mãos deles, não era uma situação de alguma legalidade, nós estávamos na condição de reféns, sequestrados e com a possibilidade de ser mortos a qualquer momento.

Eu, como não fazia nem parte da, meu nome não fazia nem parte da grade de presos, da lista de presos, e não tinha nada para fazer no Rio Grande do Sul porque eu saí de lá com 14 para 15 anos, eu, na hora, obviamente que interpretei como sendo que iam me levar para algum lugar para me matar e me despedi dos companheiros todos.

Todo mundo muito tenso porque todos estávamos, eu e eles estávamos com a convicção de que eu ia ser morto e a coisa foi muito chocante e muito difícil para todos, sabendo que a pessoa poderia ser assassinada, porque isso era uma coisa muito comum, muito rotineiro naqueles tempos, tanto no DOPS, como principalmente lá na OBAN, no DOI-CODI.

Então, me despedi de todo mundo dizendo “lembrem de mim”, e saí com poucas coisas que eu tinha em meu poder que eles tinham roubado nossa casa, tinham tirado tudo da gente, tinha sobrado muito pouco. Fui levado pela viatura deles, que era a C14, que eles usavam, C14 Veraneio, e fomos, me levaram para o Presídio Tiradentes.

Lá, para minha surpresa, outros presos foram retirados e também minha mãe e minhas irmãs. Então, comecei a achar que a situação não era tão grave como eu estava pensando, ou era mais grave do que eu estava pensando e todos poderíamos ser assassinados. Então, sai minha mãe, a Ieda e a Iara, minhas duas irmãs, o Diniz Cabral Filho, o Jobe dos Santos, o Raul, agora não lembro o sobrenome dele que é lá do Sul.

Não, não é o Raul Pontes, não. E nós somos todos colocados nos carros e levados para a sede do DOI-CODI, e lá, os presos são separados em várias celas, e na cela das mulheres que não existia quando nós fomos capturados, três meses antes, já existia a cela das mulheres que era o X6, junto de todas as outras celas.

Eu tinha um pouco de controle de que as pessoas que estavam comigo estavam todas ali naquela carceragem. Imediatamente quando a gente chegou lá, eu acho que era umas 5 ou 6 horas da tarde, imediatamente a gente entrou naquela rotina infernal, macabra que era o DOI-CODI, gritaria e torturas. Muita tortura, e eles estavam enfurecidos, ensandecidos além do normal e a gente não entendia o que estava acontecendo, e aos poucos fomos sabendo que era o pessoal do POC que tinha sido capturado e que tinham conseguido alcançar alguém importante na estrutura do POC.

E rapidamente, entre os presos tinha uma comunicação muito rápida, porque todos nós tínhamos que saber o que acontecia pra ver se não aconteceria com a gente, e veio um nome, o Nicolau, pegaram o Nicolau. Eu não sabia quem era o Nicolau, mas percebia que era uma pessoa que tinha importância na estrutura do POC, Partido Operário Comunista.

A gritaria foi, primeiro a gritaria deles e depois os gritos de tortura que vinham da sala ao lado. Eu tinha sido colocado na cela X1, tinha a cela forte, tinha a X1 que era a primeira cela, depois X2 e X3 e do outro lado tinha 4, 5 e 6 que era a das mulheres, e um portão preto que tinha do lado da entrada da cela forte, do X0, abria o portão preto e tinha a sala de tortura que ficava ao lado da escada que subia para o andar superior.

E ali a gente ouvia tudo, não era escondido, não tinha nenhum tipo de preocupação com os gritos serem ouvidos do lado de fora, a porta ficou aberta e a porta da sala de tortura estava aberta e a gente ouviu a noite inteira, a noite inteira as torturas por que passava o Nicolau.

E era uma coisa terrível, porque para nós que passamos por tortura, nós sabíamos o que estava acontecendo, sabíamos o quanto de sofrimento estava sendo aplicado àquela pessoa que estava sendo torturada, fosse homem ou fosse mulher, e todos nós sofríamos duplamente, sofríamos como militantes, por ser um companheiro que estava sendo destruído e sofríamos como seres humanos, de ouvir aquelas sessões ininterruptas.

E a gente ouviu a noite inteira, a madrugada inteira aquelas cenas, ouvindo aqueles gritos terríveis, gritos de perguntas e gritos de torturas, dava para ver que tinha muito choque, uma coisa muito furiosa.

De manhãzinha, lá para umas 4 ou 5 horas da manhã, foi possível porque a cela onde eu estava era bem perto dessa porta preta, eu vi o Ustra comandando a retirada e a limpeza da cela de tortura, e ele dizia, “traz ele para cá, põe ele aqui, limpa lá o sangue, limpa lá essa porcaria, limpa isso, limpa aquilo”.

E os torturadores, que tinham muito medo também do Ustra, iam rapidamente limpando tudo, e aí puseram, deu para perceber, deu para ver porque eu ficava de lado, puseram aquela pessoa, que era o Nicolau, na cela forte, eu não sei por quanto tempo porque em seguida, uma hora mais ou menos depois, nós todos fomos tirados dali e levados em um comboio enorme de torturadores para a base aérea de Campo de Marte, não é?

E lá fomos embarcados em um avião C47 e levados para Porto Alegre onde ficamos um mês e pouco lá. Mas o tempo que a gente ficou ali no DOI-CODI, a gente pode ouvir as torturas, eu vi em

alguns momentos, cansado de tanto torturar eu vi o JC passando, saiu para fumar e assim cansado, “vai dar trabalho, vai dar trabalho” e falava assim uma coisa muito eufórica e cansada, não é?

Eu não vi os outros mas esse eu vi, e essa cena terrível que foi o Ustra mandando limpar sangue, sujeira, que não sei o que era e dizendo, "tira ele daí e põe aqui", e aí puseram ele na cela forte.

Depois disso a gente, lá no Sul a gente soube, através de uma visita do Raul Carrion, me lembrei agora, foi, inclusive, Deputado do PCdoB lá no Rio Grande do Sul, a família dele trouxe a notícia de que tinha sido assassinato em São Paulo um dirigente do POC, que teria sido atropelado, alguma coisa assim, a informação era muito confusa, e a gente deduziu que aquilo que nós presenciamos era aquela morte daquele companheiro que havia sido anunciada nos jornais.

A gente que passou pelas mãos da repressão, a gente viu muita coisa, muita coisa. Muitas pessoas que foram assassinadas, muitas pessoas que foram torturadas, mas eu lembro da selvageria com que se abateram o Merlino, porque tinha uma coisa de euforia, êxtase e tinha uma coisa de fúria incontrolada que eu não consigo dimensionar o que movia tanto aquele sentimento deles de fúria e euforia ao mesmo tempo contra o Merlino, não é?

Outras pessoas tinham sido torturadas, tinha outra sala que a gente ouvia que tinha mais gente sendo torturada, mas aquela que estava ali perto, para mim foi muito importante por detectar essa fúria e essa euforia que eles estavam de torturar o Merlino.

Eu acho que era isso, se tiver alguma pergunta.

**A SRA. ELEONORA MENICUCCI DE OLIVEIRA** – Não eu só quero...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Eleonora.

**A SRA. ELEONORA MENICUCCI DE OLIVEIRA** – Reafirmar aqui a presença do Ustra na sala de tortura, do JC, do Ubirajara, que ora eles torturavam o Nicolau na cadeira do dragão, ora no pau de arara e ora na cadeira do dragão.

Agora quero dizer que eu estava com muito, completamente fora de mim por causa da minha filha, de um ano e dez meses, mas o assassinato do Nicolau, do Merlino, tem responsáveis, e esses responsáveis, diretamente responsáveis, com a fúria, com a selvageria que caracterizava porque o Merlino, nem o nome dele ele abria e essas três pessoas muito fortemente presentes no assassinato dele são absolutamente responsáveis pelo assassinato do Luiz Eduardo da Rocha Merlino.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Ieda Seixas.

**A SRA. IEDA AKSELRUD DE SEIXAS** – Bom eu sou irmã do Ivan, eu e meu irmão, nós fomos levados no dia 15 para o DOI-CODI para sermos levados para o Sul, eu, minha irmã e minha mãe e mais alguns outros presos. Uma coisa meio inexplicável, supõe-se hoje que a gente tenha sido usado para justificar a ida de toda a cúpula da repressão, tanto do DOPS, à exceção do Fleury, toda a cúpula do DOPS e do DOI-CODI se deslocou para o Sul, supõe-se hoje que seja para tratar da questão da Operação Condor.

Eu cheguei, quando eu cheguei ao DOI-CODI, à noite, eu não conhecia, eu estava na cela, porque a cela que eu fiquei era uma cela com grade que dava diretamente de frente para a sala de tortura. Estava a Eleonora Menicucci que eu não conhecia, que parecia mais algum bicho enjaulado porque ela só andava de um lado para o outro com os olhos que já são grandes, estavam esbugalhados e ela só dizia: “Minha filha, minha filha, porque vão matar minha filha, minha filha, minha filha” ela estava completamente transtornada.

Uma moça do CPC que eu não sei o nome, a Márcia Yajgunovitch Mafra que tinha, já estava no Tiradentes e foi levada novamente para o DOI-CODI, isso para quem esteve preso, sabe muito bem o que significa. Você quando saía do DOPS, passava no DOI-CODI, passava pelo DOPS e ia para o Tiradentes, você dava uma relaxada. Voltar para esse processo era quase que o limite, era o limite da sua sanidade, e eu me lembro que a Márcia disse assim, “pelo amor de Deus, me abraça porque eu não vou aguentar dessa vez”, eu não sei nem por que ela estava ali, aí nós começamos, eu tinha acabado de chegar, eu minha mãe e minha irmã, ouvíamos os gritos do Merlino.

O Merlino foi torturado a noite inteira, eu lembro que eu e a Márcia, que isso era uma espécie de prática que ninguém combinou, mas que se fazia. Você acabava dando a mão, uma para a outra e encravava a unha na mão, porque esse processo, não é questão da tortura, quando você está ouvindo alguém ser torturado, o seu limite chega e você como fuga, tenta dormir.

Dá um sono insuportável, sono e sede, e a gente achava quase que desrespeitoso você adormecer com alguém sendo torturado. Então a gente, eu me lembro que eu e a Marcia sentamos no piso, não sentamos no colchão fazia muito frio aquele ano. Nós sentamos no piso gelado quase que, e as mãos, as unhas cravadas nas mãos, a gente dava as mãos e cravava a unha. Minha mãe, a Eleonora, eu sei que a Eleonora só andava de um lado para o outro, ela estava enlouquecida, completamente enlouquecida.

E é uma coisa tão, essa foi noite foi, tantas noites eu presenciei, porque afinal eu fiquei quase um mês no DOI-CODI e a sala de tortura, na época, era em cima da cela das mulheres, eu presenciei várias, ouvi tortura, vi um menino que devia ter uns 14 anos morrer e eu não sei até hoje quem era esse menino.

Mas esse dia eu não sei, porque eu já tinha ido para o Tiradentes, foi especialmente difícil. Eu lembro que uma determinada hora em que amainou a tortura, o Paulo Vannuchi disse para o Ivan assim, “vamos cantar”, porque essa era outra coisa que se fazia quando amainava a tortura como uma mensagem para o companheiro que estava sendo torturado, “eu estou contigo”.

E eles tentaram cantar, ele e o Ivan tentaram cantar “A Internacional” e os caras disseram que não, aí disse assim, “então vamos cantar o Hino da Independência” e eles disseram que não. Aí o Paulo Vannuchi, porque toda essa história pode parecer maluca para quem não presenciou, mas era uma maneira de dizer “companheiro, estou contigo”.

Exatamente, nós estamos, ninguém está ignorando sua dor. Então essa noite foi especialmente difícil, não sei se porque, como a gente falou, o corpo já havia esfriado, o meu corpo já tinha esfriado de presenciar esse tipo de coisa, e eu lembro que o Merlino foi torturado a noite inteira, não houve, se dava alguma folga foi, de certo, para eles descansarem, eu não sei.

No outro dia de manhã, o Gaeta, eu não sei se o nome do diabo é Gaeta mesmo, como se chama o...

**O SR. IVAN AKSELRUD SEIXAS – Lourival Gaeta.**

**A SRA. IEDA AKSELRUD DE SEIXAS – É,** eu não lembro, ele tinha um nome de guerra qualquer. Ele apareceu na porta da cela e perguntou o que nós estávamos fazendo ali. Ele é um dos assassinos do meu pai.

“O que vocês estão fazendo aí, porra?” Nós estamos aqui porque nos trouxeram, aí tiraram o Merlino da sala, ele estava no colo, e eu lembro de que me chamou a atenção porque o Merlino, pelo que parece, era muito míope, não é? Então ele fazia assim para enxergar, aí o cara chegou e disse assim, “Ele não está fazendo xixi” aí ele disse assim, “porra, mas esse cara é difícil, ele parece o Arrudão”, o Diógenes Arruda, o militante do PCzão “porque ele não fala, não tem jeito, ele não fala, o Arrudão, eu arrebentei meu relógio de tanto torturar ele e ele não falou, e esse cara está pensando que ele é quem? Ele não vai acabar bem, não.”

Mas assim, a naturalidade, ele parado ali na porta, “pode deixar que eu já vou lá resolver isso porque hoje ele vai falar de qualquer jeito.” Esse é meu testemunho, ele vai até aí porque depois eu fui levada para o Sul.

Eu queria só lembrar uma coisinha que é o seguinte, eu acho assim, nós estamos falando hoje da morte do Merlino como poderíamos estar falando da morte do meu pai, da morte, ou do absurdo da Inês Etienne, do que aconteceu com a Inês Etienne, porque se vocês não sabem, a Inês Etienne foi sistematicamente, isso palavras dela, todos os dias ela era sodomizada. Quer dizer, eles não tinham nada para perguntar para ela, era questão de crueldade, e eu imagino a solidão dessa mulher porque ela não tinha nem com quem dividir, porque a gente, de qualquer maneira tinha com quem dividir a coisa, não é?

Agora eu acho estranho, porque um tal Cid Benjamin Queiroz que escreveu um livrinho aí, o cara declarar que perdoa o torturador. Isso, pelo amor de Deus, é enxovalhar, é cuspir, é qualquer coisa em cima da memória dos que morreram e dos que foram torturados. Isso é falta de respeito.

Se ele tem problema de arrependimento ou se ele mudou de religião, eu não tenho nada a ver com isso, agora, respeite o Merlino, respeite o Joaquim Alencar de Seixas, respeite tantos outros, o Sargento Manuel Raimundo.

Agora, eu não admito isso, eu não admito, se o cara tem problema de se arrepender do que fez, foda-se, vai lá se confessar com seu padre e seu pastor, mas não fazer uma declaração pública, para considerar que é natural. Como é que eu vou perdoar? Perdoar é divino e eu não sou Deus, porra nenhuma.

Acabou, eu acho que era só isso.

(Aplausos.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Leane. Leane Ferreira de Almeida.

**A SRA. LEANE FERREIRA DE ALMEIDA –** Boa tarde a todo mundo. Bom, eu fui presa no mesmo dia que o Merlino, dia 15, foi Ivan? Dia 15, é, três dias depois, é, 15, 15. Bom, enfim, é, eu no dia 15, eu tinha sido levada a um ponto, tinha dado um ponto frio para também tentar fugir ou tentar alguma coisa, ser atropelada, levada para um hospital para continuar viva, porque eu achei que eu não ia suportar as torturas, não é?

Porque quando eu cheguei na OBAN fui imediatamente colocada no pau de arara. Havia, Ivan, essa fúria que você se pergunta a que se devia, eles, os torturadores tinham a esperança de chegar mais rapidamente à ALN. Era isso o que eles queriam do POC.

Então a fúria assassina que se mostra muito forte com relação a nós, primeiros militantes que caíamos, ela se devia a isso. A esperança era chegar à ALN, parte da ALN já tinha sido destroçada, mas tinha muita gente ainda, não é? Lutando e atuando. E então, a tentativa do JC e todos os furiosos exterminadores da época, eles queriam através de nós a ALN, não é?

Quando eu cheguei na OBAN nenhuma coisa me foi perguntada, apenas se gritava, o Ustra gritava quando me penduraram no pau de arara *ininteligível*. Era essa a expectativa do dia 15 de julho. E foi nesse dia 15 de julho que o Merlino foi também para o mesmo pau de arara mais tarde do que eu. E, era essa a expectativa, foi provavelmente um dos grandes, claro, eles queriam desestruturar, destruir a nossa organização, éramos os primeiros a cair dia 14, 15, 12, enfim.

No fim da primeira quinzena de julho, apesar de existirem três heroicos companheiros do POC que foram presos antes de nós, o Clodoaldo, o Jonas e o Régis, não é? Que, eles estavam presos e deles não houve nenhuma consequência, não é? De, eles conseguiram isolar a gente. Eu acho que falavam “uma queda isolada”.

Mas nós caímos bem depois e já havia frentes entre organizações e a repressão sabia que as organizações tinham conexões e, portanto, a fúria com relação ao POC, embora pareça desmesurada porque não éramos identificados com ações armadas, mas ela se devia ao fato de se, a repressão conhecer as conexões. E, então nós fomos barbaramente torturados nesse dia 15.

E aí foi então que começou a tortura do Nicolau, é nesta madrugada que todo mundo testemunhou os seus gritos, não é? Do dia 15 para o dia 16, e eles me tiraram depois do dia que eu tinha tentado fugir, foi o Otavinho que me recapturou, no ponto frio que eu dei, eu não consegui fugir.

Voltei para a OBAN e ainda fiquei o dia inteiro, não é? Sendo interrogada e à noite eles me levaram para uma outra cela no outro predinho que foi desta cela que eu vi o corpo do Merlino. Ainda sobra uma dúvida porque eu não sei se ele já estava morto, há contradições com relação a isso. Só que eu vi o corpo dele sendo colocado no porta-malas de um carro desta janela do primeiro andar.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Lembra o carro?

**A SRA. LEANE FERREIRA DE ALMEIDA** – Eu acho que era um corcel verde, hoje alguém mencionou um corcel verde. E eu...

**O SR. IVAN AKSELRUD SEIXAS** - Opala, tinha corcel e tinha opala.

**A SRA. LEANE FERREIRA DE ALMEIDA** – É, eu acho que era, acho que era um corcel, mas eu não posso afirmar. A minha memória não é 1% da sua, Ivan.

Bom, eu tenho os fatos um pouco embaralhados, eu confesso que eu não posso garantir datas e nem fatos precisos, precisos, eu tenho flashes na minha cabeça destas coisas. Então, eu vi este corpo sendo colocado, o porta-malas foi fechado, a gritaria era grande, por isso a Ivone e a Lucia Coelho, a Ivone Serra e a Lucia Coelho me levantaram porque eu era a menor das três. Nós estávamos nessa cela e dava para ver o pátio. E foi nesse pátio que vi essa cena.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Lembra dos torturadores?

**A SRA. LEANE FERREIRA DE ALMEIDA** – Então, os torturadores do dia eram o Ustra com certeza, e esse outro o...

**A SRA. IEDA AKSELRUD SEIXAS** – O Gaeta.

**A SRA. LEANE FERREIRA DE ALMEIDA** - Gaeta, que a Ivone, a Ieda citou, Mangabeira, não é?

**O SR. IVAN ASKELRUD SEIXAS** – O nome que ele usava na época era Mangabeira.

**A SRA. LEANE FERREIRA DE ALMEIDA** – Mangabeira.

**O SR. IVAN ASKELRUD SEIXAS** – E o nome verdadeiro é Maurício Lourival Gaeta.

**A SRA. LEANE FERREIRA DE ALMEIDA** – Gaeta.

**O SR. IVAN ASKELRUD SEIXAS** – Essa desgraça morreu de câncer em 1997.

**A SRA. LEANE FERREIRA DE ALMEIDA** – Já se foi. Bem, o que eu vi foi isto. Eles me colocaram neste outro prédio, numa outra ala, não é? Da OBAN de onde nós ouvíamos os gritos a noite. Ivone, eu e Lúcia ouvíamos os gritos mais a distância do que os companheiros que estavam na carceragem, mas ouvíamos os gritos ainda durante esta noite e depois então houve esta cena que a gente presenciou.

Além disto eu não, já não sei mais o dia, se foi no mesmo dia ou no dia seguinte, eu vi alguém mencionou o Merlino sem óculos, não é? Eu vi os óculos do Merlino sobre uma mesa, foi aí que eu soube que era o Merlino que estava sendo torturado, porque quando eu vi os óculos dele, era uns óculos grossos como aparece em todas as fotos.

Eu sabia que eram dele aqueles óculos, eu tinha contato com o Merlino antes das prisões, das nossas prisões antes de ele ir para a França e eu conhecia bem aqueles óculos, eu identifiquei. Eu parei, eu estava subindo para uma outra sala de interrogatório e eu parei quando vi os óculos, eu estaquei assim involuntariamente pelo susto, porque para mim ele estava na França.

E eles perceberam a minha reação e eu já não sei mais qual foi dos torturadores que falou “sim, é ele mesmo que está aqui. Você está admirada, mas ele está aqui”. Então, obviamente eram dele. Aí eu identifiquei os gritos eram dele, ele então estava sendo preso naquele dia. Porque no dia, na noite, não, na

manhã desse dia eles se dedicaram, a equipe estava toda basicamente comigo, não é? Porque o interrogatório era feito por várias pessoas a comando do Ustra, mas pelo menos uns cinco estavam comigo na cela e provavelmente interrogando você em outra, na sala, em outra sala, não é? Nós fomos presos juntos. Então, acho que seria mais ou menos isto.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Obrigado, Leane. Queria passar a palavra já em seguida para o Otacílio Cecchini, por favor.

**O SR. OTACÍLIO CECCHINI** – Bom, boa tarde a todos, vou fazer um preâmbulo, eu, a minha solidariedade à Ângela, batalhadora, amiga, à família, o Nicolau. E, o começo da sessão, e, houve uma análise da situação atual. Eu fiquei pensando algumas coisas, eu vou colocar um tom, eu diria um pouquinho mais otimista, não sei porque, mas eu vou colocar o que eu penso.

Eu acho que passaram 40 anos e estamos aqui resistindo. Eu olho aqui na frente pessoas formidáveis a Cris, a Clara, não é? Eu sou de uma geração que aprendeu com eles, você e todos vocês. (Risos.)

Não vou citar todos, é claro. E teve a minha geração que está fazendo depoimento. E tem cruzando ali a Camila que eu vi pequena, filha da Rita dizendo, enfim, iniciativa deles, da meninada que eu vi pequenininha realizando depoimentos, enfim, publicações dos filhos dessa geração de torturados.

Bom, eu não quero fazer o jogo do contente, não é? Mas isso me deixa muito feliz. E se eu olho o Brasil que nós estamos formando aqui, eu olho o Brasil que tem hoje, eu fico muito feliz também. E é claro que nós temos que mudar e é claro, não para nunca, não é Clara? Não para nunca.

Eu lembro que a Clara estava chegando, por uma circunstância, eu fui professor de sobrinhos dela. “Olha a minha tia”, tal, está lá em Cuba, meu irmão está lá no Chile tinha que mandar uma carta, tal.

Um dia a Clara chega no Brasil, acho que você não se lembra, tinha que levar uns papéis para a Bahia. Ia trabalhar na Bahia. Olha que bom! Tem um projeto que o Niemeyer tinha feito, não é? De um mausoléu para o Marighella na Bahia. Bom, e eu lembro de ter encontrado o Carlinhos lá. Era um ano que para levar um papel de um mausoléu ainda, estávamos já no período da dita, na redemocratização. Era uma aventura, não é?

Eu acho que nós temos que relembrar tudo isso, mas com uma pitada de otimismo, não é? Por isso Camila, dá pitada de otimismo nisso, todos nós, pitada de otimismo a cada gesto, não é? A cada pequena coisa, essa batalha da informação, da contrainformação é terrível, nós estamos vivendo isso no Brasil hoje, é uma dissimulação total, não é? Descrer total das informações e a gente não tem o poder, não é? Da comunicação. Mas nós temos 40 anos de resistência, não é? E estamos aí.

Então, essa pitada de otimismo que eu queria dar à família do Merlino que está presente, à Tatiana, à irmã, um abraço. Esse período pós-prisão, é claro, um depoimento aqui e outro ali, conheci essa nova geração, a Tatiana batalhadora e tal e isso dá à gente, os velhos, um grande alento. Era isso o que eu queria falar de início, não é?

Quanto ao meu depoimento, bom, eu era companheiro da Leane, fomos presos, a data foi dia 14 de julho, isso eu lembro bem, sou professor de história, voltava do cursinho de madrugada, chegava, (risos) era 14 de julho, fomos presos de madrugada.



**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Fale um pouquinho mais perto do microfone.

**O SR. OTACÍLIO CECCHINI** – Ah sim, pois não. Era 14 de julho, de madrugada, voltávamos. Eu fui preso porque estava com minha companheira, até então meu nome não aparecia aqui, ali, no decorrer do tempo, enfim, as ligações, irmãos militantes, companheiros militantes, etc., entrei no redemoinho junto, claro. Além de tudo militar no partido e tudo o mais.

Bom, sou uma testemunha importante, não é? E enquanto eu viver, que isso fique presente em livros, depoimentos, eu fui a pessoa que, no meio do julgamento, foi citado lá, no meio de um julgamento, de uma tortura, de um inquérito sendo feito, o Merlino entra, me desculpe, o Ustra entra na sala. Estão perguntando sobre o Merlino, aqui e ali, o Ustra entra na sala, eu estou sendo interrogado, e ele de pé atrás e tal, ele era a pessoa que dava o sinal de ir para a tortura ou para não ir, enfim, ele é aquela história militar, ele é o comandante, ninguém fazia nada sem a ordem dele, beleza.

Entra um militar, com traje de civis, ele entra e diz que havia um telefonema, se dirigindo ao Ustra, que tinha um telefonema do hospital, não fala qual hospital, que os médicos estavam pedindo contato com a família do Merlino. Pedindo contato porque haveria a necessidade de uma amputação.

Houve uma chateação, todo mundo, e na minha frente ali, eu escutei e vi a reação dele. Bom, eu vejo isso e tal, me tiraram da sala, ou seja, havia uma solicitação do hospital que o paciente que ainda estava com vida ainda, porque isso é importante: ele sai com vida de lá, ele está no hospital, que raio de hospital? Pode ser as Clínicas que a gente sabe que na época havia essa cobertura, não é? E outros hospitais em São Paulo que faziam essa cobertura.

Há um telefonema, isso eu sou testemunha desse fato que é importante, há então a ligação entre um preso político torturado com princípio de gangrena, com a necessidade de amputação de uma perna e o Ustra recebe a informação.

Eu, veja, eu não sei o nome da pessoa, nós não sabíamos, uma pessoa que depois de 40 anos, sim, era um jovem, um daqueles vários torturadores ou uma pessoa da equipe, e parecia mais uma pessoa da equipe porque tinha alguns que faziam campana, equipe, saíam e então não ficavam tão presentes ali. Eles não faziam interrogatório, mas era um daqueles, ou provavelmente as pessoas de Inteligência porque eles tinham uma retaguarda, essas pessoas que ficavam vendo, a Inteligência, é um desses funcionários da OBAN ali.

Essa pessoa então fala, o Ustra, uma frustração, claro, ali e tal, e me tiram, "bom, desce com esse cara e tal" que iriam resolver o problema. O que se passou depois a gente imagina e as informações passam a ser coerentes. Quer dizer, de desleixo, falta de cuidado, porque se você quisesse, da mesma forma que houve a retirada do preso, chamem a família, no mínimo, depois de toda a barbárie, mas a covardia é imensa, a gente sabe disso, a covardia mesmo, a mais baixa de todas, não é?

Essa geração de torturadores é a coisa mais absurdamente covarde e baixa que pode ter nesse país e nós temos que lembrar todo dia para que isso não volte a acontecer.

Então, esse é um depoimento que incrimina, eu sei disso e estou disposto a ir para qualquer lugar, eu tenho prestado conta quando chamado de testemunha, e que fique sempre, e que fique nos livros isso, que há um testemunho sim, eu vi, como todos os colegas viram uma série de fatos que, somados, remontam essa história covarde e terrível, não é?

Bom, um outro fato importante que eu presenciei, como todo mundo, não vou ser repetitivo, mas evidentemente esse massacre, o Merlino foi preso depois do dia 14, na minha memória, um dia e meio ou dois depois, eu estava na cela do lado, Ivan, você sabe até a geografia ali, a cela do lado da cela forte.

Era uma cela que colocava digamos, as pessoas, que ainda estavam, digamos, para serem, os que não eram muito perigosos ali na primeira cela, ou que podiam esperar o depoimento não era tão importante, entre nós, era uma forma de U, havia um muro, onde ficava a cela feminina onde vocês estavam, do lado de lá e a cela forte, onde estava o Guido que fez um depoimento, vim a saber mais tarde faleceu, mas deixou um depoimento completo sobre isso.

O Guido estava preso nessa cela forte, nós estávamos do lado, há esse chamado que é dito no filme, corretamente, de bater na porta para que haja um atendimento, etc. Nós vimos a cena do enfermeiro colocar uma espécie de uma mesa, que houvesse, de uma forma ingênua e absolutamente inócua que é a massagem para que haja a recuperação da circulação, que é um absurdo, isso não ia resolver o problema.

Havia um carcereiro de nome Marechal, se não me engano, esse senhor lá do lado conversando e tal, e esse senhor tentando dessa forma resolver o problema, trocamos conversa, papeamos com o Merlino em uma tentativa de conforto, o que você precisa?

Ele pediu uma cueca, estava com a roupa suja. Tinha uma, nós não tínhamos, não vínhamos com nada. Tirei minha cueca, entreguei a ele, para que ele tivesse, enfim, um relativo conforto e veio um fim de semana, um sábado, claro, a tortura não tinha fim de expediente, mas como toda burocracia dava, digamos, uma certa diminuída na intensidade, não na tortura, mas na burocracia interna.

Eu acho que isso também atrapalhou qualquer decisão de hospitalização e tudo o mais, até que, com a dificuldade dele, intensa dificuldade, ele foi levado para o hospital, então, foi isso que eu vi e convivi.

E é isso aí. Que esse episódio terrível marque para nós, claro, muita tristeza, mas um certo ânimo de não nos acovardarmos, nunca, nunca mesmo, e que essas pessoas sejam sempre denunciadas, não é? Pela mancha que causaram na sociedade brasileira, e gostaria de dar de novo um abraço a vocês aí.

(Aplausos)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Eu vou aproveitar esse intervalo na fala, porque a Leane vai falar de novo. Eu queria, a Eleonora está no limite do tempo, eu queria pedir para a Juliana e a Vivian acompanharem a companheira Eleonora e a Leane volta a falar. Espere aí, deixa a Eleonora se despedir. Leane.

**A SRA. LEANE FERREIRA DE ALMEIDA** – Eu só vou me referir a uma colocação que, acho que a Ieda, uma menção que a Ieda fez à Operação Condor. Eu também fui interrogada no Rio Grande do Sul e eu tinha um outro processo lá, e o Pedro Seelig que era o Delegado do DOPS de Porto Alegre, que foi o meu, o meu depoimento foi colhido, digamos assim, por ele, lá.

Ele mencionou, festivamente, essa ida dos policiais paulistas e a seguinte etapa que foi a ida dos policiais gaúchos e paulistas para o Chile, eles estavam de partida para o Chile a serviço desta, certamente que hoje a gente sabe, Operação Condor, ele falou “Nós estamos dando aula no Chile, nós estamos indo para lá”.

Então, só para deixar registrado que de fato eles mesmos falavam com muito orgulho da participação dos policiais brasileiros na formação dos policiais latino-americanos nas técnicas de tortura.

E aí, só para contrapor um pouco o terror dessa minha última colocação, não sei, acho que estamos encerrando as falas, só mencionar o fato de que o vídeo fala, coloca algumas fotos do Merlino como um cara muito alegre, festivo e brincalhão, e eu acho que eu sou uma pessoa que devo falar um pouco porque foi esse o Merlino que eu conheci.

O Nicolau era muito brincalhão e eu participei, isso me orgulha muito, eu vivi não só essa fase do terror, da despedida dele da vida, mas eu vivi momentos assim onde ele e a Ângela vinham me encontrar, a gente tinha algumas funções, alguns trabalhos dentro do partido e o Nicolau era muito engraçado e muito irreverente, muito brincalhão.

Então, é uma, realmente como disse, algumas pessoas disseram e como o Otacílio acabou de dizer, é uma ceifa imperdoável essa figura de que foi tirada a vida de uma maneira tão covarde, e a covardia está até no relato que se fez da prisão como de “n” outras, ou se suicidou ou foi atropelado tentando fugir, ou foi morto resistindo.

O Nicolau não teve possibilidade de resistir, não fugiu, não se suicidou e todos nós sabemos fortemente que ele amava muito a vida e não iria tirar essa vida dele, então foi realmente mais uma ceifa que a ditadura militar ocasionou à juventude da época.

**A SRA. IEDA AKSELRUD DE SEIXAS** – Ele estava marcado para morrer.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Fala no microfone, Ieda, por favor. Sente aqui ao meu lado.

**A SRA. IEDA AKSELRUD DE SEIXAS** – O Gaeta falou isso no outro dia de manhã.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Senta, calma.

**A SRA. IEDA AKSELRUD DE SEIXAS** – Ele disse...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Ieda, Ieda.

**A SRA. IEDA AKSELRUD DE SEIXAS** – O Merlino, já estava determinado, não foi um acidente, ele ia morrer, ele estava para morrer, acabou, era decidido, essa coisa toda, esse jogo de cena de amputa ou não amputa, pelo que o Gaeta falou ali, na porta das celas, das grades, é que a Márcia não vive mais, mas a Iara é a outra testemunha, e uma moça do CPC, a Eleonora não vale porque a Eleonora estava completamente fora do ar, ele disse “ah, ele vai falar, porque ele vai ser, ou ele vai falar ou ele vai morrer, ele não vai escapar dessa” é isso o que ele falou.

Então, o Merlino estava marcado para morrer, ele durou quatro dias, por ser jovem ou por circunstâncias físicas apenas, mas ele estava determinado, era determinado que ele iria morrer, ele, não tenha dúvida.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Tati, a filha da Eleonora está na história das crianças? Está no livro? Não?

**A SRA. TATIANA MERLINO** – Não, a filha da Eleonora tem uma história muito diferente.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Ivan Seixas.

**O SR. IVAN ASKELRUD SEIXAS** – Não, eu só queria dizer o seguinte, que esses dias aí foram muito importantes, é uma questão de registro histórico. Faz sentido que a fala da Leane dizer que eles queriam pegar a ALN porque o Paulinho Vanucchi e a Márcia Mafra tinham sido levados para a OBAN e não havia uma explicação. Agora eu estou entendendo a explicação, qual que era.

Outra coisa é o fato do Merlino ser um dirigente, com certeza, seletivamente eles estavam matando, nessa época eles iriam matar, eu não tinha a menor dúvida, acho que o que a Ieda acaba de falar é correto, era determinado para ser assassinado.

E a última coisa é a questão, não acho que seja a questão do Chile. O Coronel Dickson Graef escreveu um livro sobre a Operação 30 horas, que era a operação que o Brasil iria invadir o Uruguai, e os policias, os chefes da repressão foram, dito pelo Dickson Graef, foram deslocados para o Rio Grande do Sul para comandar a invasão que teria a colaboração e a omissão do Exército Uruguaio, o Brasil iria invadir com tropas e esses torturadores iriam fazer o massacre dos Tupamaros.

Então, isso não é talvez, isso é dito pelo Coronel Dickson Graef. Hoje, a única explicação que se tem seria essa porque a Frente Ampla estava para ganhar a eleição e eles iriam fazer, caso houvesse a eleição do Líber Seregni, eles iriam invadir e fazer o massacre lá.

Então, eu acho que esses dias aí, com todas essas informações, aumenta inclusive, a importância do Merlino, de ele, primeiro, não ter fornecido informações, de ele não ter colaborado de nenhuma forma que fosse por sucumbir à tortura e a importância de vocês todos que passaram por esse processo e não levaram à queda de outras organizações como no caso, da ALN.

Eu acho que é para registrar, o Merlino ia ser assassinado e vocês eram pessoas importantes para extrair informações e vocês não deram informações.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Bom, vamos começar o ciclo dos amigos, agora, que como o Joel Rufino, fizeram um esforço, eu agradeço a presença de todos aqui na mesa. Então, são quatro amigos, Tunico Ferreira, Joel Rufino, Bernardo Kucinski e Renato Pompeu.

O Tunico mandou o testemunhal dele através de um vídeo. Então não precisa vir compor a Mesa agora no vídeo, porque senão, é melhor assistir o depoimento do Tunico, e em seguida o Joel Rufino, o Bernardo e o Renato vem para a Mesa e a gente vai indo para a fase final antes da exibição do filme do Nicolau, vamos lá.

Então, vamos passar o vídeo do Tunico Ferreira, amigo pessoal desde lá de Santos, do Merlino.

### \*\*\*Apresentação do memorial por Tonico Ferreira, em vídeo\*\*\*

“Na FAU, na Faculdade de Arquitetura eu perdi o Antônio Benetazzo que era um grande amigo meu ele e o André Gouveia que morreram no exílio, era o melhor amigo meu na faculdade. Nós perdemos o Nelson, que era nosso amigo da turma de Santos. Se vocês quiserem ver está aí na revista, na página 34.

Não sei se vocês veem, o Nelson está bem atrás do Eduardo e o Eduardo segurando a raquete. Por incrível que pareça estou na extrema direita, esse magrinho aqui, nessa época era muito magro e não gordo como sou agora.

E, depois nós perdemos também pessoas que foram importantes para nós José Arantes, que foi a pessoa que proporcionou e que deu os recursos, e que ajudou a gente a criar o 'Jornal Amanhã' em 1967 e teve outros que a gente conheceu no meio do caminho.

Então a tendência minha sempre virar a página, vamos em frente senão eu não conseguiria chegar, seguir em frente, seguir com a minha vida.

Eu vou seguir um pouquinho na linha do Joel, vou falar um pouquinho sobre o que era o Merlino, Eduardo que ele chamava, não é? Eu conheci o Eduardo mais ou menos, eu acho que nós tínhamos em torno de 12, 13 anos no Colégio Santista lá em Santos, era um colégio marista muito duro, colégio católico de regime duríssimo.

O que eu acho que mudou a vida do Eduardo e a minha também porque eu era sempre o segundo dele, o Eduardo era sempre o primeiro. Ele era o, ele é que abria o caminho, que encontrava as coisas novas e buscava desafios e eu seguia atrás. A única coisa que eu retribuía é que ele não gostava muito de física, química e matemática e eu passava cola para ele. Agora, fora isso ele comandava, eu seguia atrás.

Aí nós fomos para o Colégio Canadá, que era um colégio estadual totalmente diferente da nossa vida no colégio santista. Nós saímos, foi o momento de abertura para nós. Você sai de um colégio religioso com toda uma moral muito dura e você entra num colégio totalmente livre, não tinha muro. Podia fumar, a gente podia fumar dentro do colégio e lá o Eduardo então fez tudo o que ele podia fazer.

Logo de cara tinha lá uma chapa concorrendo ao diretório, que era uma chapa meio anarquista e nós entramos na chapa para apoiar a chapa, contra a chapa do Partido Comunista que dominava o colégio.

Você sabe que Santos na época era dominado totalmente pelo Partido Comunista por causa do Porto, tinha o deputado do Partido Comunista. Então, enfim, comandava totalmente lá, tinha o domínio político do colégio. A gente não era do Partido Comunista nem nós éramos políticos no sentido de todo dia, da política estudantil que se fazia á época.

O nosso objetivo na época era abrir, abrir horizontes, nós nos, a gente se considerava digamos, anarquistas, existencialistas. A gente gostava, o Merlino gostava do quê? De poesia, ele gostava de Fernando Pessoa. Ele trouxe para nós o existencialismo com Sartre. Ele nos ensinou o jazz, o Modern Jazz Quartet que na época fazia sucesso, não é? Nos introduziu Brahms porque o Merlino tinha que ser, sempre ser diferente, não é?

Então, se Beethoven era o grande da música clássica, porque gostar de Beethoven? Eu vou gostar de Brahms, era um decisão intelectual. Nós vamos gostar de Brahms porque ele não é a linha principal, nós vamos fazer uma outra linha.

A gente começou a gostar de bandas, quartetos, quintetos, e ficávamos na casa da tia de vocês, no apartamento ouvindo a tarde inteira, ouvindo discos e tudo. E a gente fez teatro, nós fizemos cinema.

Outro dia a Regina deixou em casa umas fotos do nosso primeiro filme, eu nem sei o que aconteceu com aquele filme, mas que foi filmado foi, algumas cenas foram. Isso a gente deveria ter que é 15 anos, 16 anos.

O Eduardo fazendo todas estas coisas abrindo, abrindo caminhos e nós tínhamos o nosso grupo que se encontrava lá no bairro da Atlântico, lá no Gonzaga e o nosso único objetivo era sair de Santos e vir para São Paulo. Era a nossa Paris. São Paulo era a nossa Nova Iorque. (Risos.)

Aquilo era o máximo. Sair daquela vida que à época a gente chamava de pequeno burguês, hoje talvez chamaria classe média de Santos e ir para um lugar mais aberto, nosso, Santos era pequena para o Merlino, ficou muito pequeno.

Fizemos uma briga grande, eu fui, 1965 nós viemos para São Paulo, eu fui fazer a Faculdade de Arquitetura, o Merlino veio para cá, terminou o cursinho no Paes Leme, não é? O Colégio aqui na Pedrosa, Colégio Estadual e depois já foi para o “Jornal da Tarde”. Na época o jornalismo estava crescendo, começando a surgir.

Em 1966 foi, por incrível que pareça o país já estava crescendo, o milagre econômico de 1970 já começou em 1966, 1967, 1968. Nós da esquerda não percebemos isso, não é? E a economia estava crescendo o que seria muito difícil você trazer qualquer mudança naquele momento quando todo, quando você tinha *ininteligível* emprego, *ininteligível* emprego. Como é que o Merlino virou jornalista?

Porque o tio dele era amigo do Ulysses Alves de Souza que era secretário de redação do Jornal que estava saindo, que era a 'Folha da Tarde' e o tio, esqueci o nome do tio, o Mauro, chegou para o Ulysses e falou assim, 'Ulysses, você não tem um emprego lá para um sobrinho meu?'. 'Mas o que ele sabe fazer?' O Ulysses perguntou. 'Sabe nada! Ele é um inútil!' (Risos.)

'Como inútil?' 'Só fica lendo Fernando Pessoa'. 'Ele lê Fernando Pessoa? Manda ele para lá que vai dar em jornalista'. (Risos.)

Bom, ele foi para lá e se tornou um grande repórter, infelizmente ficou com o apelido de inútil. O 'inútil' vem para cá, 'inútil' vai para lá. (Risos.)

O Ulysses até outro dia me disse assim, a primeira vez, eu dei a primeira aula de jornalismo para o Merlino. Eu pus ele na frente de uma máquina do lado um Telex e falei assim, desse Telex, na época tinha Telex, não é? Esse um telegrama internacional faça disso aqui uma nota, um texto. Aí pôs a máquina ali em cima, Merlino olhou para a máquina, ele não desistia, não é? Porque ele não tinha a menor condição de estar ali, ele não sabia escrever à máquina. Ele começou assim 'pa, pa, pa, pa'. (Risos.) Aí o Ulysses chegou por trás dele assim e falou assim 'o inútil'. (Risos.)

“Eu vou te dar a primeira aula de jornalismo. Está vendo este botão aqui do lado? Se você apertar e soltar ele você vai poder escrever em maiúscula e minúscula e não só em maiúscula como você está fazendo agora”. (Risos.)

Você lembra que na máquina de escrever tinha tecla que prendia a maiúscula. E ele logo foi um jornalista brilhante. Ele cobria muito cidade, cobria bem cidade. Ele cobriu muito Fontenelle que à época era um coronel que estava fazendo aqui todo o sistema viário, etc. e tal. Ele cobriu muito bem o Fontenelle, ele era uma pessoa brilhante.

E aí continuamos, eu continuei na FAU e eu me lembro de um episódio muito claro, está muito claro na minha vida. Nós estávamos voltando para Santos, *ininteligível* em 1966, eu tinha 18 anos, ele tinha 17, 18 e no ônibus, descendo para Santos eu me lembro assim. 'Eduardo, eu vou te confessar uma coisa, você lembra aquela coisa toda que a gente tinha lá em Santos, que a gente tinha que ser independente, não podia se submeter a nada, partido é coisa que nem família, só para nos oprimir, etc., eu

vou te confessar uma coisa, eu entrei para o Partido Comunista, mas já na dissidência. Lá tem uma tal de dissidência do Partido Comunista na FAU'. (Risos.)

Aí ele me olhou e falou assim, ele sempre tinha que ser melhor do eu, não é? 'Partido Comunista? Eu entrei pra POLOP! POLOP é muito melhor, é outra coisa. Imagina, Partido Comunista, essas coisas de Stalinismo, não sei o quê, não sei o quê.' Ele sempre foi assim. Eu me lembro disso, foi nesse momento que nós percebemos que a gente tinha mudado. Talvez não porque a gente quisesse, mas as condições estavam nos levando a isso.

Nós estávamos no movimento estudantil, o movimento estudantil começando, em ascensão, a agitação tremenda dentro das universidades. Isso é antes de 1968, 1966, 1967. Depois a gente volta a se encontrar novamente, trabalhar junto no "O Amanhã" que foi um jornal criado pelo Grêmio da Filosofia, pelo Zé Arantes, a foto dele está aqui, o Zé Arantes está aqui na última, na penúltima, na 38, sem legenda. Este aqui é um dos cartazes que estavam na manifestação.

E ele também foi morto pela Polícia e o, e ele criou este jornal e entregou para o Raimundo Pereira. Raimundo Rodrigues Pereira que acho que muita gente conhece, e é um brilhante jornalista da Abril que foi dirigir o Jornal, chamou o Merlino e eu caí lá por acaso. Eu era estudante de Arquitetura e fui lá diagramar o jornal porque teoricamente eu sabia fazer alguma coisa de comunicação visual, tinha um curso disso na FAU. E foi ali que eu iniciei a minha carreira de jornalista, posterior a do Merlino porque ele já era jornalista.

Aí nós fizemos aquele jornal, fomos fazer outros e depois trabalhamos juntos na "Folha da Tarde" e seguimos a nossa vida. Mais tarde, me lembro também mais adiante, nós fizemos um documento político, imagine você, nós fomos com uma outra Ângela, eu não sei como parar na Praça da Villaboim para escrever um documento político para a FAU e o Merlino, não sei se vocês, Ângela Lopes, 1969.

Eu ainda teoricamente pertencia a este grupo mais ligado ao Zé Dirceu, Zé Arantes e tudo. Aí fizemos o texto eu, Merlino e a Ângela. Ou seja ele escreveu tudo, não é? E eu levei o documento para a FAU. Quando eu cheguei na FAU, um deus nos acuda, isto aqui está cheio de desvios assim, desvios acolá eu não entendia nada dos desvios, mas foi também um trabalho interessante que nós fizemos juntos e foi totalmente mal sucedido porque não foi para adiante.

Acho que em 1968, eu me lembro de um outro episódio muito engraçado também. 1968, você disse que o POC se separou da POLOP em 1966, não é? Não, não é? Em 1968 talvez. O pessoal que foi para o VPR

Em 1967, então, aí, uma vez nós fomos ali na Rua Maria Antônia, eu encontro lá, eu estou conversando com o Eduardo, 'patati, patatá', não sei o quê, e aí ele e vê a Iara Iavelberg lá. Aí ele vai lá conversa não sei o que e volta correndo para o meu lado, assim, 'por isso que você não sai comigo' ele me chamava de Antônio.

'Antônio, você não sabe o vexame que eu fiz, eu ainda pensei que a Iara estava do meu lado, aí é que eu me lembrei de que a Iara tinha passado para o outro lado e eu fui lá tirar algumas conclusões com ela e tudo e quando percebi, no meio, eu tive que voltar e recuar correndo para cá'.

Este era o ambiente nosso, entendeu? Era um ambiente dinâmico, muito interessante, muito intenso, quem viveu aquilo viveu, quem não viveu talvez venha a viver mais adiante e tal.

Mas depois disso, digamos, para encurtar, o dia da morte, eu não estava aqui em São Paulo, eu tinha me casado e tinha viajado, eu não sabia de nada, não sabia nem que o Merlino tinha voltado, nem sabia que ele tinha voltado. Aí, eu me lembro claramente, são coisas que você marca a imagem, eu estava na Rua Pamplona encontro com o Chico Caruso. O Chico Caruso chegou pra mim e disse, você não acredita, o Merlino foi preso e foi morto'. Coisa terrível. Aí nos tentamos fazer, eu e o Raimundo, por

iniciativa do Raimundo, porque duas pessoas foram importantes na minha formação, o Luiz Eduardo Merlino e o Raimundo Rodrigues Pereira.

Aí o Raimundo falou assim, 'Tônico, tenho que resolver esse negócio, temos que saber o que foi isso aqui', e nós iniciamos uma investigação, não sei se vocês ficaram sabendo, nós fomos ao IML, conversamos com o diretor do IML, descobrimos que realmente, através, do jeito como eles como eles estavam fazendo com o corpo do Eduardo era o jeito que eles estavam, que a repressão estava se desfazendo dos corpos e criando essa entidade dos desaparecidos.

Era super fácil, o DOPS ou DOI-CODI entrega o corpo, você tira a identificação, a pessoa é corpo não reclamado e enterra em algum cemitério como indigente, foi isso o que eles fizeram durante anos. Nós descobrimos ali naquela hora e eu me arrependo de a gente não ter feito alguma coisa a mais para fazer essa denúncia porque ela só foi feita muito tempo depois, só muito tempo depois se descobriu qual era o caminho que se fazia com as pessoas que morriam nas mãos dos torturadores.

Mas enfim, esse é o fim, depois disso, o que ficou é que a gente cada momento, que é importante, da vida do país, da nossa vida a gente lembra. O que ele estaria fazendo, que oportunidades ele teria tido com aquela genialidade que ele tinha, aquela sede de conhecer as coisas, a rapidez com que ele pegava os assuntos, a rapidez com que ele definia, a rapidez com que ele até me convencia das coisas. É, o que ele estaria fazendo?

Mas hoje eu termino com essa frase, que eu gostaria mesmo nesse momento, 40 anos depois, de estar com ele em algum lugar, conversando com ele, eu com essa barba branca e ele com o bigode branco, conversando sobre a vida, sobre as coisas da vida, sobre as coisas comuns do dia-a-dia, conversando sobre os netos que eu tenho e que certamente ele teria.

Muito obrigado”.

(Aplausos)

**O SR.** - A fabricação da história, a fabricação da sociedade igualitária, da sociedade justa, da sociedade socialista é nesse sentido um ato de amor, porque dá continuidade aos que lutaram antes, como lembrou o Ivan, nós somos continuadores dos que lutaram antes, como se estabelece a ligação entre nós e eles?

E através de uma relação amorosa, eu amo aqueles que morreram pelo socialismo e a ligação com os que virão, que eu não conheço, eu estou nesse momento, nós estamos lutando com pessoas que nós não conhecemos que virão, qual a ligação entre nós e eles? A única ligação é o amor, nós amamos aqueles que virão, filhos, netos, bisnetos, seja lá o que for, amamos as futuras gerações, é nesse sentido que eu usei o conceito de amor.

(Aplausos.)

**O SR. TONICO FERREIRA** - Com certeza o Plínio tem razão, o Merlino era uma pessoa excepcional. (*Emocionado*). E hoje, eu acho que ele estaria em uma posição de destaque no Brasil, e também gostei de ouvir o relato das pessoas que estavam aqui quando ele foi torturado porque tudo isso



só confirma, porque eu convivi com ele 10 anos, e em alguns momentos por muito tempo, muito íntimos, ele era corajoso.

Quando eu soube que ele tinha morrido na tortura, com rompimento de veia femoral, pau de arara, eu tentava lembrar o que era a atitude dele, e eu não vi, mas eu vi aquilo que vocês falaram aqui, ele teve uma posição de desafio, que ele deve ter, ele olhou para aqueles caras ali e nunca, ele tinha esse negócio, ele gostava de cultivar a coragem.

Eu vou até contar um episódio interessante e engraçado, porque quando nós estávamos no Canadá, 15 ou 14 anos no Colégio Canadá lá em Santos, ele foi se desentender, você não acredita, com o cara mais forte da classe.

Não sei o porquê, tenho a impressão de que era uma espécie de prova, não é? Quem era o cara mais forte da classe? Aquele lá. O sujeito fazia halterofilismo porque ele tinha uns braços desse tamanho, o cara era enorme. O Merlino não era pequeno, era um cara forte mas espera um pouquinho, era um intelectual, não é?

Aí eles foram, se desentenderam lá, eles resolveram, vamos para a praia, brigar lá na praia, e o Colégio Canadá ficava a umas 10 quadras da praia, e fomos nós, a classe inteira. O fortão na frente e o Merlino ali do lado, o Merlino também com cara de bravo e nós fomos atrás, eu olhava para o Merlino e me perguntava por que isso?

Ele vai apanhar feito um louco, e eles foram, mas quando chegou lá na praia já não havia mais o ambiente, não é? A coisa já tinha sido terminada, aquilo era um desentendimento lá que acho até que deve ter procurado, que gostava de provar a coragem dele. Aí chegaram lá, tiraram a camisa e tudo, foram para a praia deram 3 tapas um para um lado o outro para o outro e tudo, aí acabou, chega, se cumprimentaram e todos nós voltamos para o colégio.

Eu contei só pra dizer que eu acredito seriamente, a imagem que eu tinha dele é assim, a coragem, eu sempre, eu tive essa ideia de que quando ele esteve aqui, ele teve a coragem de olhar para aquelas pessoas e desafiar o tempo todo essas pessoas. Agora, apesar da coragem e do poder intelectual dele tudo, ele era um jovem como outro qualquer em muitos dos aspectos da vida. Nós bebíamos cerveja, cantávamos, às vezes pegávamos o carro da tia dele e íamos lá para o Guarujá. Como era o nome? Veridiana.

Ia para o Guarujá ele não guiava, eu ia guiando, gente ia para lá tomar umas caipirinhas, uns peixes, um camarão frito e tudo, uma vida normal em vários aspectos. Era uma pessoa alegre, ele não era uma pessoa assim, eu só não quero deixar a ideia de que ele era corajoso com uma força intelectual muito grande, um poder moral muito grande que ele fosse uma pessoa dura.

Não era, jogava futebol, jogava mal e até encerro aqui dizendo que era o nosso time, porque no “Jornal Amanhã” a gente fez um time de futebol e a gente ia jogar lá na Cidade Universitária como estava na moda ir na Cidade Universitária.

Então, tinha o Joel, tinha eu, tinha o Merlino, tinha o Raimundo que jogava bem e tinha o Bernardo Kucinski e a gente dizia que nosso time tinha um nome, e eu vou encerrar com isso aqui, o nosso time chamava-se canalha fedorenta, uma mistura de negros, judeus e socialistas. (Risos)

(Aplausos)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Joel, como era mesmo, o nome do time mesmo, Joel? Corja Fedorenta. Vem para cá, vem Joel. Joel, Bernardo e o Renato. O Renato Pompeu, Joel, Bernardo, Renato. O Joel chegou primeiro, chegou de manhã.

**O SR. JOEL RUFINO DOS SANTOS** – Bom, boa tarde a todos. Meu abraço especial, que aliás eu já dei em Tatiana, em Regina, na minha querida Ângela, Nicolau e os outros amigos queridos que estão aqui, e aqueles que eu conheço só de vista e de luta.

Bom, se eu pudesse dar um título a esse meu depoimento seria “seu amigo esteve aqui” que é o título de um livro que conta a prisão e o assassinato, na Casa da Morte, do companheiro Carlos Alberto Soares de Freitas.

Essa frase, a Inês Etienne foi a única sobrevivente da Casa da Morte como todo mundo sabe, e ela contou que um dos torturadores, nessa Casa da Morte, que a conhecia de Belo Horizonte através de jogo de vôlei ou baquete, qualquer coisa assim, e conhecia o Soares, disse para ela assim, uma certa altura, “olha, o seu amigo esteve aqui”.

Então, a partir dessa frase de um torturador, uma frase sádica de um torturador, se escreveu esse livro, esse belo livro que aliás recomendo a vocês.

Bom, porque a minha relação com o Merlino, a penúltima vez que eu soube do Merlino, foi um torturador, Oberdan, que aparece em todas as listas de torturadores. Oberdan, a uma certa altura, me dando porrada parou e puxou uma conversa sem vergonha, como eles às vezes faziam depois de bater, de aplicar choques, vinham com conversas. O Oberdan me disse assim, “seu amigo esteve aqui”. Que amigo? Aí ele me contou a versão da morte do Merlino.

Eu sempre achei que ele mentia, senão totalmente ao menos em parte. Mas depois dos depoimentos dos que assistiram à morte do Merlino como Otacílio, enfim, e outros depoimentos a respeito dessa morte, eu vi que esse torturador falava a verdade.

Ele me disse o seguinte, “olha, seu amigo esteve aqui e ele quis dar uma de durão, acabou com as pernas gangrenadas e foi levado para o Hospital do Exército”. Ele disse Hospital do Exército exatamente. “E de lá telefonaram dizendo que precisavam amputar as pernas dele para ele sobreviver. O Major Ustra fez aqui uma votação, eu votei”, diz ele, o torturador, “votei para amputarem as pernas e salvarem a vida dele, mas fui voto vencido”. Vê a conversa do cara. “E venceu a ideia de deixar ele morrer. Foi assim que seu amigo que esteve aqui morreu”.

Esse relato desse Oberdan coincide exatamente com os outros depoimentos de forma que nós podemos dizer que foi assim, foi dessa maneira que o Merlino foi embora.

Bom, eu poderia contar muito dele, mas não sei se valeria mais a pena. Muitas pessoas já depuseram sobre a personalidade dele, sobre a história dele, sobre a coragem dele. Enfim, eu choveria no molhado, mas mesmo assim eu vou contar duas ou três coisas que valem a pena. O que na verdade nós estamos fazendo é traçando a biografia de uma personalidade do povo brasileiro. De uma pessoa que lutou, com risco da própria morte, pelo povo brasileiro, pelo socialismo, pelos trabalhadores, enfim. Isso também todo mundo já sabe.

Eu vou contar algumas histórias. Como eu soube da morte do Merlino? Essa foi então a última vez que eu soube dele. Dia 19 de julho é o dia do meu aniversário e pouco depois, acho que dia 22 ou 23 eu fui comemorar com os amigos, entre eles o Raimundo Rodrigues Pereira e alguns outros amigos comuns.

Estamos bebendo e o Raimundo me diz, “olha, o Merlino morreu”. Eu perguntei, e Merlino, cadê? Eu já sabia que ele não apareceria em uma comemoração de aniversário, mas em todo caso, cadê

Merlino? Aí ele disse “O Merlino morreu”. Como Merlino morreu? “Morreu agora, no dia do seu aniversário”.

Bom, eu fui para casa naquela noite, dormi, no dia seguinte ao acordar eu abri o armário e vi um presente que ele tinha me dado no aniversário passado. Era uma camisa polo muito bonita, de muito bom gosto e que eu elogiei e ele na hora tirou e disse “é sua como presente de aniversário”. E mais de uma vez ele fez isso.

Eu acho que eu me vestia muito mal. (Risos.)

Devia ser ou então não me vestia mal, mas ele era a tal ponto generoso que me deu várias roupas assim. Houve um tempo que eu morei com ele no apartamento que ele tinha alugado, eu morei lá e ele de vez em quando abria assim o armário, dentro do quarto dele em cima da cama e falava, “veste isso aí e leva isso aí para você. Você vai dar aula? Veste essa camisa, tudo”. Era uma coisa assim, estava me tratando como se fosse pai, não é? E como se fosse um amigo realmente.

E vou contar uma outra coisa também que diz do caráter dele e que para mim foi muito importante. Um dia eu morava no Rio, trabalhava e morava aqui em São Paulo e ele disse não vai para o Rio esse final de semana não, vai lá para casa em Santos.

Aí eu falei, Raimundo, mas é que, o Eduardo, é que minha família está me esperando lá. Ele disse assim, “manda trazer a tua família, eu posso até ajudar a pagar a passagem. Manda trazer a Tereza e o Nelson”. Aí eu trouxe Tereza e Nelson e fomos para a casa da Regina passar um domingo lá, não sei se Regina lembra disso. Veio o Nelson e o neném e ele botou o Nelson na cama dele para dormir enquanto a gente passou aquele dia ali com a sua tia, não é? E sua mãe, é, você não era nascida ainda, você não, era nascida? Não, era, ela não era nascida.

Então eu passei lá essa tarde de domingo, eu e Tereza, aquilo foi sempre bom para nós. E um dia também eu chamei ele para ir ao Rio, para conhecer a minha família. Ele passou o fim de semana lá no subúrbio do Rio, uma vila de marítimos, muito pobres.

A minha família era evangélica. Então, ele dormiu na sala, quando foi lá pelas 10 horas, por aí assim, minhas sobrinhas que tinham um coral evangélico entraram cantando na sala, ele acordou assim e viu aquilo. Ele ficou completamente encantado com a aquela história, com aquela demonstração da vida de uma família suburbana evangélica. Eu acho que para ele foi importante também esta experiência.

Bom, então depois disso, deixa eu contar alguma outra coisa que possa acrescentar à memória de Luiz Eduardo Merlino. Eu acho que é bastante, não é? Os depoimentos sobre a infância dele, a juventude, o jornalismo dele. Os depoimentos já foram dados, todos conferem com o que eu conheci desta pessoa, desta criatura.

Talvez, agora me ocorreu um episódio demonstrativo da coragem política dele. Não era uma coragem qualquer, ele não era um brutamontes brigão, mas ele sempre que estava diante da autoridade, e da autoridade policial ele se mostrava muito firme.

Esse episódio dele participou até o Renato, não sei se ele vai lembrar, mas nós tínhamos, quer dizer, tinha sido fundado “O Amanhã”, esse jornal que o Tônico faz referência. Nós éramos uma equipe pequena, mas que estávamos sempre juntos. Foi aí que eu conheci Merlino, na redação desse jornal. Íamos jogar bola fim de semana em Santos, tudo. E eu confirmo que ele não jogava nada, ele era muito ruim de bola, mas não importa, isso não tem nenhuma importância porque, não tem importância jogar bola.

(Risos.)

Não tem importância. Bom, mas uma noite depois, uma noite depois de terminado o trabalho na redação nós fomos dar uma volta para nos embriagar e essa expressão ele gostava muito de usar, "vamos nos embriagar".

Aí fomos aí tomar uns *birinaite*, aí quando voltávamos ali na Alameda Santos, de brincadeira de bêbado nós pegamos um tonel de lixo e começamos cada um fazer a baiana, imitar a baiana com aquele tonel na cabeça. Passou para o Raimundo, passou para mim.

Bom, aparece um carro de polícia, nos cercam e nos obrigam obviamente a botar a lata de lixo lá, pediram documentos, nos encostaram assim na parede e queriam nos levar para a delegacia por conta disso. Aí o Luiz Eduardo puxou um cigarro, ele fumava, não é? Ele puxou um cigarro, acendeu um cigarro, aí um policial "pá" na mão dele, o agrediu. "Como é que você fuma na frente de autoridade? Agora mesmo que vocês estão presos" e nos levaram para a delegacia de Vila Mariana que, por ironia do destino, é a mesma onde vai se instalar o DOI-CODI. Essa delegacia! Isso foi em? Na Tutoia, na Tutoia. Esse fato que eu estou contando foi em 1968, 1967/1968 por aí.

Bom, aí, lá na delegacia o delegado nos deu lá um chá de cadeira, a noite inteira a gente ficou lá e, um dos colegas, eu não vou me lembrar agora qual foi, deu uma telefonada para a redação dizendo "olha", a redação, acho que foi do "Jornal da Tarde". "olha, nós estamos aqui presos, tudo". Aí imediatamente se acionou um socorro, um advogado, não sei quem mais ligou.

Aí de manhãzinha o delegado resolveu nos soltar. "Bom, vocês estão soltos, não façam mais isso. Aí o Luiz se adiantou e disse assim "vem cá, isso não vai ficar barato". Aí o delegado, "como? Eu estou soltando vocês". Não, eu quero que vocês nos levem de carro lá onde vocês nos prenderam. O delegado, não é? Ficou aquele negócio, tudo. "E tem outra, eu vou fazer queixa porque eu quero um inquérito, um processo contra essa violência policial".

Aí nós, os outros colegas, os outros presos é que tivemos que convencer o Luiz a recuar também. "Não, ele está nos soltando, vamos deixar barato isso, não precisa nos levar de carro lá nem. A gente pode abrir processo, mas não precisa a polícia nos levar lá de carro no local onde nos prendeu". Aí fizemos ali um acordo e ele ficou contrariado conosco, ele queria, bom. Essa história revela também, é uma pequena história, um pequeno flash, mas revela também dele.

E finalmente para concluir tem um romance que eu gosto muito que chama "O Reino Deste Mundo". Sempre que eu releio este, é do Alejo Carpentier, esse escritor franco-cubano, sempre que eu releio "O Reino Deste Mundo" eu me lembro do Eduardo porque ele está nesse livro, embora seja um livro sobre a independência do Haiti no século XIX, ele parece que é personagem do livro.

Ele parece especialmente um personagem chamado Mackandal que lutou bravamente contra os franceses até expulsá-los. E Mackandal, na última página do livro, faz uma especulação, uma reflexão, produz uma reflexão que seria uma reflexão tipo Luiz Eduardo Merlini, ele diz assim "O reino deste mundo é maravilhoso, já o reino do outro mundo é vazio, não há nada a conquistar, não há luta nenhuma a travar. Está tudo determinado para sempre. Já no reino deste mundo há muito o que fazer, há muita batalha a travar, a perder e a ganhar. Então, o reino deste mundo é melhor do que o outro, é o único que nós temos e nele se luta por pessoas que nós não conhecemos e que virão".

Essa é a máxima grandeza a que uma pessoa humana pode aspirar, lutar, dar a sua vida como Mackandal por outras pessoas que virão e que ele não conhece no reino deste mundo, onde tudo está por conquistar.

Bom, então é isso, meu caro Adriano, é isso, não é? Bernardo? Eu posso ter acrescentado alguma coisa à memória do Luiz Eduardo que não precisa muito mais de acrescentar, o que precisa é que a gente lembre dele sempre, fale dele para os nossos filhos e netos.

Eu tenho, por exemplo, uma foto dele que Ângela me deu na minha sala de trabalho. Ali todo mundo que entra ali vai ver o retrato do Merlino. E muitos perguntam "quem é esse cara tão bonito aí, é seu parente, quem é esse cara?" Eu conto a história! Então é uma maneira de deixa-lo sempre vivo perto de mim.

(Aplausos.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Bernardo.**

**SR. BERNARDO KUCINSKI** - bom, boa tarde a todos. Vou dar um depoimento muito breve, talvez um pouco mais, menos sombrio do que muitos que foram dados aqui.

Eu conheci o Merlino no jornal "O Amanhã", estávamos também o Joel e outros. E mais tarde quando fomos trabalhar na revista "Veja" fizemos aquelas capas sobre as torturas e foi então que um dia o Merlino nos procura, eu e o Ítalo Tronca, e ele nos propõe que a gente escreva um livro denunciando as torturas e que ele teria condições de publicar na França, pela Maspero provavelmente e nós topamos a empreitada, passamos alguns meses meio, naquele ambiente meio difícil daqueles tempos, não é?

Nós tínhamos planos de ir para a Inglaterra, a minha mulher ia fazer doutorado e nós tínhamos, na verdade, sido meio que forçados a sair da "Veja" depois daquelas duas capas sobre torturas, cada um foi para um lado.

Então eu e o Ítalo e mais alguns amigos que ajudaram, nós redigimos. Tinha saído naquela época os primeiros manifestos de presos políticos também, então nós acrescentamos, escrevemos um texto um pouco assim, é, como eu diria? Meio pretencioso, não é? Fizemos um contexto histórico da violência militar e tal, e eu me lembro dessa parte mais romântica.

Bom essa foi a parte mais assim tensa, não é? Dessa história, e combinamos eu e o Merlino que eu o encontraria na noite de natal no Café Cluny lá em Paris. Isso ficou gravado na minha cabeça. Fomos para a Inglaterra, levamos o manuscrito escondido na mala, não me lembro hoje se fui eu que levei ou se foi a minha mulher, aquela que está sentada ali. E de fato na noite de Natal eu deixei a minha mulher sozinha em Londres e peguei aquele, atravessei o Canal da Mancha e estava caindo a primeira neve.

Em geral a primeira neve cai na noite de natal, na maioria das vezes, e lá estava ele, o Merlino sentado na mesinha, aquelas mesinhas que ficam fora dos bares e eu com aquele pacote, aquele manuscrito na mão. Entreguei para ele e depois ele me levou para dormir num apartamento que não me lembro onde era. No dia seguinte de manhã ele me levou para ver os escritórios deles e depois eu voltei para a Inglaterra.

O livro saiu publicado em francês, mais tarde uma cópia chegou às mãos do Flávio Tavares que era um exilado que tinha sido libertado, não é? Naquele sequestro acho que do Elbrick, estava no México e o Flávio Tavares, por iniciativa dele, fez uma tradução para o espanhol e saiu uma edição também em espanhol pela Siglo XXI.

E justamente no mês passado saiu, 40 anos depois, a edição em português nesses Cadernos da Perseu Abramo. Eles retraduziram porque não conseguiram encontrar os originais, então “O Pau de Arara” que é o nome do livro, “A Violência Militar no Brasil” está disponível agora para quem quiser no Caderno Perseu Abramo da Fundação Perseu Abramo.

O que eu queria, quer dizer, esse livro é o livro na verdade obra do Merlino, não é? A iniciativa de encomendar, a garantia de que seria publicado, toda a publicação foi tudo ele que fez, não é? Uma coisa que ele, é...O que eu queria contar também é que depois quando eu soube da morte da dele, eu não lembro muito bem como é que eu soube, em que circunstâncias, quem me falou, mas aí eu fiquei apavorado, pensei que tinha alguma coisa a ver com o livro até, voltei para Paris. Eu não era do grupo do Merlino, eu não era na verdade de grupo nenhum, eu era um livre atirador.

Aliás, graças ao Renato Pompeu que eu não sei se ele se lembra, Renato, você se lembra que eu queria entrar na POLOP e você me deu umas aulas de marxismo, mas eu não fui aceito, você lembra disso? Não, pois é.

(Risos.)

Você salvou a minha vida sem saber que estava salvando a minha vida porque, acabei não entrando em organização nenhuma. Então, mas o fato é que...

### **Manifestação fora do microfone**

**O SR. BERNARDO KUCINSKI** - Tenho, é que você não se lembra. Mas o fato é que eu apavorado voltei para Paris, e apesar da minha memória ruim eu consegui voltar àquele escritório que ele tinha me mostrado e do escritório lá eu tinha o endereço do chefe dele, o Alain Krivine que foi candidato acho que 2 vezes à Presidência da República e consegui chegar até o Alain Krivine e perguntei se ele sabia alguma coisa e ele não sabia de nada das circunstâncias em que o Merlino foi morto, ele não sabia de nada.

Eu queria terminar rapidamente só dizendo a minha impressão pessoal do Merlino, eu não era um dos amigos mais próximos dele até porque eu tinha menos convivência na universidade, eu trabalhava o dia inteiro.

Mas ele impressionava muito pela educação e nós éramos todos meio molambentos, meio tudo filho de oriundi, tudo, mas ele era uma pessoa assim realmente muito distinta, não é? Elegante e que também tinha um domínio do vernáculo muito bom, e ele trouxe para “O Amanhã” aquela linguagem de “O Amanhã” que era aquela linguagem do “Jornal da Tarde” que dialoga com o leitor. Quer dizer, ele foi muito importante um pouco na definição da linguagem do jornal. E é isso o que eu podia dizer, muito obrigado.

(Aplausos.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Renato.

**O SR. RENATO POMPEU** – Bom, eu me sinto em parte um estranho no ninho porque não estava prevista a minha fala, eu vim aqui porque eu recebi uma mensagem no computador da Comissão da Verdade, e vim aqui prestar a minha homenagem ao Merlinho.

Eu não era muito próximo dele, mas nossas vidas se cruzaram algumas vezes em circunstâncias interessantes. Eu digo que eu sou um estranho no ninho porque eu não era propriamente um militante como todos os que estiveram aqui e falaram. Eu sempre fui mais um simpatizante, colaborador deste tipo de coisa.

E eu queria comentar uma, o que foi contado aqui sobre o Luiz "Inútil", e a história da máquina de escrever, vamos ver o significado profundo disso. Não é verdade que tenha sido o Ulysses que lidou com o Merlinho nessa história, fui eu. O Ulysses me apresentou o Merlinho e disse “Cuida desse foca”

(Risos.)

Eu falei para ele então, "olha você pega um texto de um, do jornal e escreve no tamanho x, que é muito importante para o jornalista escrever no tamanho, não é? Ele escreveu tudo em minúscula. Eu então falei para ele, olha, na máquina de escrever tem aqui a, essa tecla aqui que faz maiúscula. Então ele fez a segunda lauda toda em maiúscula.

(Risos.)

Bom, ele já veio com a fama de inútil, depois desse episódio ele teve o apelido de "Luiz Inútil", que era como ele era conhecido na redação, embora fosse muito trabalhador.

O que eu penso, o que eu me dei conta na hora e a história posterior me deu razão é que não é que o Merlinho não sabia escrever à máquina, é que ele não queria aquele emprego no Jornal dos Mesquitas, ele não queria trabalhar para os Mesquitas.

(Risos.)

Tanto que logo que surgiu uma oportunidade ele caiu fora, ele foi para a “Folha da Tarde” que era um reduto de esquerdistas na época.

(Risos.)

Entende? Então entendam o significado profundo dessa história. A inutilidade dele era a inteireza dele. Teve esse episódio, eu não era de “O Amanhã”, simplesmente encontrei com o pessoal.

Essa história que o Joel contou da lata de lixo, e tal, eu estava presente. E eu quero dizer para vocês que o Merlinho me impressionou tanto, embora eu tivesse convivido pouco com ele porque ele ficou

pouco tempo no “Jornal da Tarde” e depois politicamente nós não atuávamos na mesma área. Mas eu quero aqui contar que apesar de nós termos divergido depois e tal, eu sempre mantive essa admiração pelo Merlino, originada desse episódio da máquina de escrever, porque eu percebi do que se tratava, não era o que os outros pensavam.

Nunca saiu na imprensa que o Merlino foi morto, foi assassinado. Toda imprensa publicou que ele foi morto atropelado ao tentar fugir num ponto, numa rodovia que levava para o litoral que eu não me lembro mais qual era. Foi isso que saiu nos jornais.

Até 1978 quando eu fiz uma resenha de um livro de um mineiro que tinha trabalhado com o “Jornal da Tarde”, tinha trabalhado no “Jornal da Tarde” e ele tinha vindo do interior de Minas para a cidade, nos anos 1960, ele não entendeu aquela barafunda toda de droga, bebida, mulher livre sexualmente, tal. Ele escreveu um livro condenando o jornal, fez um romance condenando o jornal, o Luiz Vilela.

E me deram esse livro para resenhar em 1978, e eu, pois, está muito bom, está muito bem. O “Jornal da Tarde” tinha tudo isso, mas tinha também pessoas como o Luiz Eduardo Merlino assassinado como preso político. Foi a homenagem que eu pude prestar a ele anos depois da morte dele.

(Aplausos.)

E que foi, foi a primeira vez que foi publicado no Brasil que ele foi assassinado. Muito obrigado aos senhores, é isso o que eu tenho a dizer.

(Aplausos.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Obrigado. Quer falar mais alguma coisa, Joel?

**O SR. JOEL RUFINO DOS SANTOS** – Não.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Então vamos passar com a última Mesa dos familiares. Agradeço a esses 3 gigantes aqui, e um dia nos vamos contar a história de cada um deles aqui. Vamos lá? A família agora. Obrigado Bernardo, Obrigado Joel, Obrigado Renato.

Vamos lá? Ângela, Nicolau e Tatiana. Obrigado Renato. Cuidado aí com essa cadeira. Thaís, dá uma olhadinha lá na internet se a voz está entrando direitinho assim, porque se a gente perder uma audiência dessa é um prejuízo.

Você começa, Ângela?

**A SRA. ÂNGELA MENDES DE ALMEIDA** – Bom, eu sei que todo mundo deve estar cansado, não é? Eu queria em primeiro lugar, acho que estou bastante emocionada com os depoimentos, não é? Eu



acho que muitas coisas se esclareceram, particularmente quem estava torturando o Merlino, qual destes torturadores, quais destes torturadores estavam torturando o Merlino, sobretudo pela fala da Eleonora, não é?

Eu estou ainda sob o impacto disso, mas eu queria em primeiro lugar agradecer, em primeiro lugar, ao Adriano essa Comissão Estadual da Verdade que está salvando a verdade no Brasil, não é? E tudo o que ele tem feito e particularmente esta audiência, toda equipe da Comissão da Verdade e a equipe técnica também do Gabinete dele e daqui da ALESP.

Eu queria lembrar algumas pessoas muito importantes nessa história toda, nessa caminhada. Em primeiro lugar a Dona Iracema, a mãe do Merlino, que enquanto esteve viva sempre batalhou dentro das possibilidades dela. A Tia Veridiana que era uma espécie de, o “Sancho Pança”, vamos dizer assim, da dupla, não é? Que a conduzia a todos os lugares.

Lembrar uma coisa muito importante que logo depois que eu voltei da França para a América do Sul, eu fui para o Chile, depois fui para a Argentina e elas foram me ver, nós ficamos hospedadas a casa do Nelson Kohl. Lembrar o nome do Nelson Kohl também, companheiro do POC, grande amigo do Merlino. Morava naquela famosa casa onde o Joel esteve e que foi morto no Chile.

É uma pena que o Dr. Fábio já tenha ido, mas eu queria também agradecer o Dr. Fábio e o Dr. Claudineu que encontraram uma solução jurídica depois que o nosso processo de 2008 foi arquivado, não é? E lembrar uma pessoa extremamente importante que é o Guido Rocha.

Eu queria sugerir a vocês lembrar a figura dele. Ele aparece aqui na revista. Eu queria sugerir a vocês que pegassem aí a revista e lessem a entrevista que ele deu, que foi feita pelo Bernardo Kucinski e que foi uma das peças-chave na reconstrução da história do Merlino.

Eu preparei alguns, como é que eu diria? Alguns “insights”, alguns aspectos, alguns temas para falar do Merlino a partir de coisas que já foram publicadas e que eu queria ir um pouco além. Apenas alguns pontos, não é?

Nós tínhamos ido para a França para fazer esse contato com a Quarta Internacional e aquilo era um interregno na nossa militância no Brasil. Nós tínhamos o plano de voltar e o primeiro passo foi dado por ele, não é? E nós tínhamos uma ideia de fazer uma militância internacional.

Nesse livro aqui, na parte final, tem um texto que aparece também aqui que chama-se “Relembrado Merlino”, está na página três, não é? Onde eu conto um pouco o relato das razões dessa ida, não é? Nós vivíamos uma situação dramática no Brasil, uma situação em que a militância era feita de ouvir falar de queda, de torturas, de pessoas mortas e também de pessoas que haviam sido quebradas pela tortura, não é? E vivíamos fechados no Brasil.

O Brasil é sempre muito fechado ao exterior e mais ainda naquele período de ditadura, e um companheiro brasileiro nos propôs que a gente conhecesse as posições políticas do Secretariado Unificado da Quarta Internacional que tinha como líderes, naquele momento, o Ernest Mandel, o Pierre Frank e o Lívio Maitan. Eu queria ler brevemente um pedaço daquilo que nós pensávamos que está neste texto.

“A proposta da Quarta nos prometia uma compreensão mais definida do stalinismo e da luta antiburocrática que então se travava na União Soviética e nas chamadas democracias populares, um contato com outras seções da Quarta Internacional, particularmente na América latina e mais concretamente um contato com o PRT, o *Partido Revolucionario de los Trabajadores* que na Argentina era então a sessão da Quarta Internacional.

Era portanto, a esperança de um internacionalismo vivo, baseado na compreensão clara da radicalização das lutas sociais face às ditaduras da América Latina que poderia nos retirar dos debates

estéreis sobre luta armada que se davam no Brasil inserindo a violência popular numa perspectiva histórica e mundial.

Era a expectativa de trazer para os companheiros do Brasil a capacidade de entender e sentir todas aquelas quedas, torturas e mortes como parte de um processo histórico que vinha de longe e iria além. Era a possibilidade de estabelecer um laço orgânico com os que lutavam em outros países da América Latina, sobretudo na Argentina”.

Bom, depois da morte dele, a minha decisão, um outro momento, depois, a minha decisão foi de continuar a luta que nós tínhamos, o trabalho que nós tínhamos planejado nesse estágio que nós fizemos na França.

E eu queria lembrar um texto de uma entrevista que eu dei para a Janaína Teles que saiu publicado em um texto dela, não é? Eu dizia, esta entrevista foi dada em 2005. A melhor coisa que eu poderia fazer pela memória dele era continuar militando, sentir isso como uma obrigação para que aquilo não ficasse sem sentido. E foi por isso que eu passei de 1971 a 1975, quatro anos, continuando clandestina, com documentos falsos não-brasileiros, e trabalhando na organização do POC Combate e na militância na Fracción Roja, na Argentina.

Foi um período em que eu não tinha casa, tudo o que eu tinha cabia em duas malas que eu conseguia segurar e que eu não tive nunca, nunca morei mais que um mês em um determinado lugar, não é?

Evidentemente, como já se disse muitas vezes aqui, eu sentia aquela culpa que sentem aqueles que sobreviveram a pessoas assim tão queridas. E durante esse período eu imaginava e quase que tentava reviver essa tortura que foi descrita aqui.

Bom, isso durou até 1975 quando os companheiros que estavam na Argentina, os outros brasileiros foram presos com argentinos e eu não fui presa, então eu comecei o verdadeiro exílio porque o exílio é quando você tem um documentação de exilado e eu arranjei a minha documentação de exilada.

Bom, uma outra questão que fala bastante dele, a questão do nome. Na entrevista que eu dei para a Janaína em 2005 eu dizia mais ou menos o seguinte, o Merlino era chamado de Eduardo pela família dele e de Merlino na profissão. Hoje o Joel chamou ele de Luiz Eduardo.

Eu nunca chamei ele nem de Merlino, nem de Luiz e nem de Eduardo, eu sempre chamei ele de Nicolau porque nós começamos a nossa vida amorosa ao mesmo tempo que a militância e para mim ele era o Nicolau e ele também me chamava pelo meu nome de guerra. Assim nós nos chamávamos.

E foi por isso que eu, quando eu tive o meu filho, Nicolau, eu dei a ele o nome dele como militante, Nicolau, e não o nome verdadeiro dele. Era a minha homenagem à militância dele.

Eu também, nessa entrevista, eu acho que não fui muito clara na entrevista, mas eu estou revendo aqui. Eu, ao pensar essa trajetória dessa luta, não é? Na medida em que eu chamava ele de Nicolau, na minha memória, eu lembrava ele como a pessoa que eu amei e que morreu torturada e eu não pude fazer nada. E houve um momento que eu comecei a chamar ele de Merlino.

Quando eu comecei a chamar ele de Merlino ele saiu da minha intimidade e se transformou para mim numa personagem pública, não é? De uma certa maneira é a única maneira de você conviver com essa dor porque se eu volto para a intimidade, no fundo é uma morte com a qual eu não me conformo.

Durante muito tempo eu pensei, mas e se não tivesse acontecido isso, se não tivesse acontecido aquilo, uma série de detalhes, pequenos detalhes que eu pensava que pudessem ter evitado aquela situação limite em que ele se encontrou.

Se estabelece então, um distanciamento, ele passa a ser para mim uma personagem não apenas, claro, mas uma personagem pública com a qual lentamente eu consegui conviver e contar e falar sem tanta emoção, não é?

Uma outra coisa, uma outra problemática, a questão do heroísmo e a questão da auto-ironia. Existe aqui na página, nesta revista, na página 58 um texto do Michael Löwy que espelha um pouco como é que era o Merlino. O texto do Michael diz o seguinte.

“Lúcido” Falando do Merlino. “Lúcido ele reconhecia a dificuldade e o risco da empresa de voltar para o Brasil. Certa vez eu lhe perguntei como avaliava a sua chance de sair-se bem da volta ao Brasil. Cinquenta por cento me respondeu” o Michael “me respondeu ele”.

E também neste texto aqui lembrando Merlino, escrito por mim que está aqui também na página 3, a propósito do livro “Pau de Arara” eu me lembrei e escrevi o seguinte.

“Gravei também pela sua conotação premonitória trágica uma frase dele dita algum tempo depois, algum tempo depois desse encontro no Café Cluny uma frase dita algum tempo depois dita em tom de pilhéria e com um olhar maroto, *é tão autêntico esse livro que os próprios autores foram torturados*”.

Ele brincava com estas coisas e ao mesmo tempo não parava de lutar. Ou seja, ele tinha essa auto-ironia não só da pessoa dele, mas também daquilo que nós fazíamos.

Uma outra coisa que eu acho muito significativa é a questão do óculos. O Ary Normanha está aqui, por acaso? Já saiu. Vocês contem para ele. Eu achei extremamente interessante que o Ary tenha escolhido, de todas as fotografias, essa que está aqui e que está ali, ao invés dessa fotografia mais famosa dele em que ele, vocês reparem bem, está com outro óculos, não é?

Bom, para quem conheceu ele, já se falou que ele era um rapaz educado, não é? Elegante, bonito, ele era tudo isso e muito mais. Esses óculos, depois ficou uma coisa comum, mas naquele tempo era um óculos assim, que chamava a atenção, super elegante e era um óculos que chamava a atenção.

Muito bem, numa certa altura que eu não me lembro, seguramente depois da morte do meu pai. O meu pai morreu em julho de 1968, quando a Faculdade de Direito estava ocupada, ele era professor da Faculdade de Direito e a Faculdade, os alunos desocuparam, quer dizer, desocuparam não, abriram as portas para fazer o velório do meu pai dentro da Faculdade, foi um episódio importante do movimento estudantil, não é?

E eu fiquei com os óculos dele. E esses óculos que aparece aí, que foi depois retomado pelo Merlino como uma forma, que nos pareceu naquela época, nós nunca comentamos sobre isso, mas era uma forma de chamar menos atenção, de ficar mais parecido com todos, por causa da militância na qual nós não queríamos chamar atenção, não é?

E a cena do óculos foi lembrada pela Leane, eu acho extremamente importante, mas tem mais. Queria ler alguma coisa que, uma frase que eu escrevi para esse, “Relembrando Merlino” que está aqui e aqui, sobre o óculos e ele.

“Merlino aparecia à primeira vista como alguém extremamente sério, até carrancudo com os óculos de aro negro herdados do meu pai morto em 11 de julho de 1968 que aparece em uma das poucas fotos que temos dele tirada para o passaporte. Mas, instalada a relação de companheirismo e cumplicidade, ele esbanjava o seu humor crítico e cético confiante na nossa luta, mas ao mesmo tempo desconfiado do que nos esperava”.

E ainda olhando para esse óculos e o olhar que aparece por trás, o Michael escreveu também nesse artigo o seguinte, “outro dia mexendo nos velhos jornais marxistas, dei com uma fotografia do Luiz Eduardo com o título “Morto em Combate”. O artigo que acompanhava a foto já envelheceu, não

apresenta maior interesse, mas o olhar do Luiz Eduardo não perdeu nem um pouco da sua força e de sua intensidade e me atingiu em pleno coração. Não pude conter as lágrimas, era como se tudo estivesse se passado ontem”. Era isso.

(Aplausos.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Tati, Tatiana Merlino.

**A SRA. TATIANA MERLINO** – Boa tarde a todos e todas. Eu estou bastante também emocionada e nervosa, espero que eu consiga falar. Eu ia ser a última a falar, mas como a minha fala é um tanto melancólica, eu pedi para ser a penúltima. É muito difícil para *mim* estar aqui hoje, eu não achei que seria tão difícil falar sobre ser sobrinha do Luiz Eduardo Merlino.

Nos últimos 10 dias mais ou menos quando eu pensava no que eu ia falar aqui nessa Audiência eu caí numa tristeza profunda, eu passei os últimos 10 dias chorando desesperadamente. Meu marido está aqui e ele ficava perguntando, "mas por que que você está chorando? O que aconteceu?" E era difícil de explicar porque nem eu *mesmo* conseguia entender e definir o que que era essa tristeza e esse sofrimento que eu senti esses dias.

Porque a história do Luiz Eduardo Merlino, do meu tio, quem eu também passei a chamar, para mim, se para você ele era o Nicolau, para mim ele era o titio Eduardo.

E no momento em que você transforma a dor em luta, ele passou a se chamar o Merlino. A minha mãe até me perguntou, “como é que você fala do seu tio como Merlino?” Porque é uma maneira, uma espécie de distanciamento que se cria, que se faz, uma defesa para transformar a dor em luta. E histórias de tortura, enfim, de desaparecimento eu tenho bastante familiaridade.

Eu trabalho aqui na Comissão da Verdade e antes disso, a minha carreira, eu sou jornalista, a minha carreira de jornalista é, vem sendo dedicada nos últimos 10 anos ao trabalho na área dos direitos humanos.

Então, quer dizer, lidar com tortura e com morte e mesmo a história do meu tio é, não é novidade, não é, não é algo novo para mim. E também politicamente nós temos, nós como família, nós temos muita certeza do que nós queremos. Nós queremos o reconhecimento de todos os envolvidos no assassinato do Luiz Eduardo, a reinterpretção da Lei de Anistia, cumprimento da sentença da Corte Interamericana, abertura dos arquivos militares e a punição dos torturadores.

Assim, essas certezas políticas e falar sobre isso não é difícil para mim. É, a nossa família também move uma ação contra, moveu uma primeira ação contra o Ustra que foi extinta e tem essa segunda ação que está, enfim, que nós ganhamos em primeira instância e que houve o recurso.

Então essa tristeza profunda que eu senti ao longo desses últimos dias, por conta da qual eu não consegui parar de chorar foi por entrar em confronto com algo que eu achei que não existisse que é um grande, um grande vazio, é uma lacuna, é um buraco. É um buraco que eu carrego dentro de mim (*emocionada*) e que eu achei que tivesse sido preenchido ao longo desses anos com esse trabalho como jornalista e como militante de direitos humanos.

Mas eu me dei conta que é uma ferida aberta e que continua latente e entrar em confronto com isso e perceber isso é extremamente doloroso. É, a racionalização disso que eu estou falando agora, eu só

tive hoje de manhã porque eu fiquei chorando ao longo de 10 dias e não sabia o que eu ia falar aqui. E hoje de manhã antes de vir para cá eu consegui escrever, definir um pouco o que é este sentimento.

É, esse vazio vem da, tem a ver com a dor de uma perda de algo que eu nunca tive, de algo que me foi privado, que foi a convivência com meu tio. É muito bom, mas muito dolorido ouvir os amigos, o Joel, o Tônico, nas falas deles falando, se questionado “ah! Onde ele estaria hoje, o que ele faria hoje? O que pensaria, o que ele pensaria a respeito disso ou daquilo?”

E até queria ler um trecho de uma, de um texto que o Joel escreveu em 2005 que é “mantenho à frente, à mesa onde todo dia eu sento para escrever um retrato do meu amigo, presente de Ângela. Está de perfil, bigodes negros, óculos sem aro. Lembra Mastroianni de um dos seus filmes preferidos, “Os Companheiros”, mesmo assim dá para ver os olhos amendoados, os lábios entre finos e carnudos, a orelha, o pescoço, a cabeça bem feitos. Eu o mantenho aqui para lhe perguntar “o que acha deste governo? E a agressão sionista? E o crime organizado? E a vida? E o socialismo? E o MST? E agora Merlino?”

Eu não posso olhar para esta foto como o Joel e perguntar, “então tio, o que você acha disso? O que você acha daquilo? Porque a ditadura militar me privou até de conhecê-lo. (*Emocionada*). Privou a mim de ter um tio e privou a ele de ter uma sobrinha.

(Aplausos.)

Ele me privou de saber não só o que eu acharia do governo, o que eu perguntaria para ele “o que você acha do governo? Do MST? Do Governo Lula? Da violência policial hoje?” Eu fui privada de saber coisas mínimas, como era a voz dele, como que era a risada dele. Como ele se movimentava.

Então, nós dois fomos privados desse encontro e essa privação, que é de responsabilidade da ditadura militar, é um vazio que é impossível de se preencher. Então essa dor, essa tristeza desses últimos dias é por conta disso.

Eu também tenho uma relação com essa foto que a Ângela mostrou que é a foto clássica dele, que é do casamento dos meus pais em 1969, em Santos. Eu fico imaginando como é para o Joca, o João Carlos Graboys lidar com a foto do pai que ele tem que é aquela foto de criança. Como que é ter um pai criança, não é?

E a respeito também da minha relação com esta foto, eu queria ler um trechinho de um texto que eu escrevi em 2011 para a revista “Caros Amigos” onde eu trabalhei, trabalhava nessa época e quando foi marcada a audiência das testemunhas de ação por danos morais que foi movida pela minha mãe e pela Ângela contra o Ustra.

“Sobre a cômoda ao lado de um vaso onde quase sempre há uma flor há um porta-retrato prateado. Na foto um jovem de perfil, cabelos negros, pele clara, olhos grandes, óculos de aro escuro. Quando eu ainda olhava o porta-retrato de baixo para cima com 7 anos já sabia que ele era alguém muito importante para a família. Os anos se passaram o porta-retrato mudou de casa, mas seguiu junto com a cômoda e o vaso.

O homem da foto continuava jovem olhando insistentemente para o infinito. Outros anos se seguiram e a dona do porta-retrato e da cômoda morreu. Hoje o porta-retrato mudou de casa e de dona e eu o olho de cima para baixo. O jovem é meu tio, o jornalista Luiz Eduardo da Rocha Merlino torturado e assassinado aos 23 anos em São Paulo, em 19 de julho de 1971, nas dependências do DOI-CODI, centro de tortura comandado pelo Coronel reformado do Exército Brasileiro Carlos Alberto Brilhante Ustra.

Sua mãe, Iracema da Rocha Merlino, dona do porta-retrato, faleceu em 1995 sem que o Estado tivesse reconhecido a responsabilidade pela morte do filho. Não poderá ver, por exemplo, que no mês em que se completam 40 anos do assassinato do jovem ocorrerá a audiência das testemunhas de uma ação por danos morais movida contra Ustra por sua ex-companheira Ângela Mendes de Almeida e sua irmã Regina Maria Merlino Dias de Almeida que dão continuidade à luta de Iracema”.

Então, eu tenho uma relação de profunda angústia com essa foto dele que é esse olhar estático para o infinito. E eu criança, quando eu vi esta foto, era o titio Eduardo que era como minha mãe e minha avó nos apresentaram a esta foto. Nessa época ele era um homem, um homem muito mais velho que eu e eu hoje com 37 anos, eu olho para esta foto e penso como ele era jovem.

Então, esta constatação de que os impactos, os efeitos da ditadura não se abateram só dentro de casa, que não se abateram só sobre a minha mãe, sobre a minha avó que vivenciaram um sofrimento terrível que eu testemunhei também ao longo da minha infância e da adolescência, esse sofrimento é meu também.

Então, foi esse sofrimento que eu vivenciei esses dias porque a responsabilidade deste vazio que eu tenho, quem é responsável por esse vazio é a ditadura. É isso.

(Aplausos.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Nicolau.**

**O SR. NICOLAU BRUNO LEONEL** – Bom, eu sou Nicolau, eu sou filho da Ângela, eu não tenho uma relação familiar consanguínea com o Merlino, mas acho que através da luta no processo, uma família tão querida como a Regina, a Tati, todo mundo, acabaram me aproximando da família e hoje eu me sinto também um pouco parte com a minha pequena contribuição assim, não sei, da nossa luta pela memória do Merlino.

Eu não tenho muito o que depor justamente porque eu nasci em 1979 quando a ditadura já estava acabando. Acho que de parte a parte é muito mais a experiência dos filhos e no caso, meu caso, dos filhos exilados, não é? Que embora tenha ficado pouco tempo no exílio acho que tudo isso é algo que impacta também a vida das crianças dessa segunda geração.

E a única coisa que eu queria acrescentar é que além dessa questão dos nomes, como o nome ou essa dificuldade eu acho da dor privada, que é um silêncio privado que eu acho que os filhos também carregam muito fortemente porque inclusive tem dificuldade de insistir para os seus pais para que eles contem essa dor porque às vezes é mais doloroso inclusive falar da dor e lembrar a dor e, é. E que foi uma experiência que para mim pessoalmente foi interessante porque eu tive a oportunidade também de conhecer pais de amigos e amigas que eram também guerrilheiros. Que também foram torturados, que também foram presos, que viveram inclusive algumas situações tão difíceis, às vezes até mais difíceis que os meus pais e foi uma maneira, por exemplo, de quebrar um pouco o tabu do pai, da mãe como o único lugar da experiência sofrida e poder vislumbrar o quanto é uma experiência coletiva, o quanto é uma história que pertence a todos e aí particularmente foi algo que também me ajudou a me politizar e a tentar construir uma experiência. Uma forma de analisar o país e tentar experienciar a minha experiência política também, sem a dupla culpa que é a culpa dos nossos pais e a nossa pior culpa sobre a impossibilidade que a gente tem de construir algum tipo de militância que corresponda, em algum nível, ao que a geração passada sofreu.

Mas durante esse processo enquanto eu militava no movimento dos trabalhadores sem teto, movimento de moradia, até no movimento estudantil e em contato com algumas reflexões que a minha mãe trazia sobre a questão dos direitos humanos, que acho que foi uma luta árdua porque há 10 anos atrás quando a gente começou, quando ela começava a repetir, discutir, dizer, “olha a luta pelo Merlino é a luta contra a tortura hoje, é a luta que sofrem os jovens negros pobres que estão sofrendo genocídio nas periferias das cidades”.

Todo mundo achava absurdo, muitos representantes daquela geração diziam “não, isso é um absurdo, é preciso diferenciar preso político do preso marginal ou favelado, ou pobre”. E acho que poder repor essa reflexão à luz de como a luta de classe reconfigura hoje e a experiência de poder ouvir também a dor desses familiares das vítimas da Polícia hoje, acabou criando uma maneira da gente poder pensar isso historicamente, socialmente também, uma maneira de despersonalizar essa dor, de conseguir coletivizar essa dor, não simplesmente contando a nossa própria história, mas tentando somar ela a uma história maior.

E daí, enfim, isso para mim foi muito importante na minha experiência pessoal como militante, enfim, como, na minha personalidade, é, e aí eu acho que dentro desse processo de despersonalização, vamos dizer assim, ou de coletivização da dor, também para mim foi muito importante assim, a necessidade de a gente conseguir estudar as experiências históricas de resistência, de ditadura, de totalitarismo.

É, e uma, um dos estudos que eu tenho feito nestes últimos anos que tem me ajudado muito a pensar essas coisas são claro, o nazismo, mas em particular também a resistência francesa aonde eu achei um pequeno trecho para não me alongar demais porque já está bem avançado, eu sei que tem uma outra fala, mas é um pequeno trecho que me deixou muito emocionado e acho que vale muito para pensar a experiência do Merlino.

Porque, só para, como se diz? Contextualizar, houve uma série de companheiros que eram inclusive do POC que entraram num revisionismo muito radical dizendo que aquilo tudo era experiência suicidária absurda, é algo que não valia em nada, não é?

E para a minha geração que tenta, em alguma medida, reconstituir a coisa desde o ponto de vista de que por mais derrotados que nós estejamos, a gente não pode abrir mão de ter uma aposta em algum nível de perspectiva anticapitalista, isso implica também um certo horizonte de luta revolucionária ainda que seja nos parâmetros difíceis da história hoje. É, enfim, é, este tipo de reflexão que se colocava na resistência francesa me parece que ajuda a gente a poder ter uma maneira de lidar com algumas derrotas sem fazer disso uma, enfim, uma... algo que desmerece completamente a luta e o, a morte, o assassinato desses companheiros que tombaram.

Então é um texto de um sujeito que foi um dos fundadores da, trabalhava na *Nouvelle Revue Française* e foi um dos fundadores da Éditions de Minuit uma editora também criada na resistência francesa, ele chamava Jean Paulhan e ele escreve sobre um judeu que foi, que foi assassinado um pouco antes da ocupação que se chamava Léauteud e ele diz assim,

“sei que há quem diga: morreram por ninharias. Uma simples informação secreta, nem sempre precisa. Não valia a pena tampouco um panfleto ou um jornal clandestino frequentemente mal impresso. As pessoas devemos responder, a essas pessoas devemos responder, é porque estavam do lado da vida, é porque gostavam de coisas insignificantes como uma canção, um estalar de dedos ou um sorriso. Pode-se apertar uma abelha na mão até sufocá-la, mas ela não sufocará sem dar a sua ferroadada. Ninharias dirão, mas se não usassem o ferrão, as abelhas estariam extintas há muito tempo”. É isso.

(Aplausos.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Bom, eu, para encerrar nós tínhamos mais uma projeção do documentário que o Nicolau está terminando, mas devido ao adiantado da hora nós vamos suprimir, não é?

Eu só posso dizer, primeiro queria convidar as pessoas que estão nessa sala, as que puderem permanecer, que nós vamos começar um cerimônia daqui a pouco relembrando os 45 anos do AI-5 e privilegiando um enfoque sobre a imprensa que resistiu à ditadura, os jornalistas que foram atingidos, foram atingidos por violência nas manifestações de junho.

Falar um pouco do povo lá de Ribeirão Preto, do Vanderley Caixe, do Jornal “O Berro” e finalmente o manifesto dos cineastas que vão denunciar a violência policial e toda esta coisa.

Então eu só queria dizer uma coisa, Ângela, Tatiana, Nicolau, a irmã, lógico, a irmã, a mãe da Tati, Dona Regina que eu conheci hoje com muito carinho. Eu admiro o que a família de vocês que agora, que tem esta denominação de "Coletivo Merlin", não é? E, assim como admiro a Clara, a Amelinha, o Ivan, todas estas pessoas que acordam todos os dias, em que pese a indiferença da sociedade brasileira, a dificuldade, acordam todos os dias falando da ditadura e fazendo as relações, a relação com os crimes do presente. Não consigo lembrar, sem me emocionar, do Bernardo Kucinski, vir tantas vezes aqui, tantas vezes.

Outro dia recebemos o reitor, viu Bernardo, aqui numa audiência, aquele ser humano que é difícil acreditar que ele é um ser humano, falamos, projetamos o vídeo com a, o vídeo-biografia que a Fernanda gravou, foi uma relação muito difícil. Mas o que eu queria dizer é que eu acho que vale a pena, viu Ângela, vale a pena. Vale a pena não desistir, não desistir.

Essa, a Amelinha essa semana, o Ivan fizeram os depoimentos lá diante daquele cidadão lá, do Metralha, do Singilo, ontem diante do Calandra, mas eu acho que se a gente não desistir as novas gerações que vem aí, a Fernanda, do Grupo Kiwi e tantos outros jovens, não vão deixar essa bandeira cair e quem sabe vão fazer muito mais bonito, a geração da Tati e outras pessoas vão fazer muito mais bonito do que a nossa geração fez para que esta história fosse contada e apurada.

Eu só posso agradecer, estou tão atrapalhado, a Janaína, o Renan, a Vivian, agradecer todo o povo da Comissão. Agradecer ao Ivan publicamente porque ele é que veio aqui e costurou essa ideia da gente implantar aqui a Comissão da Verdade. A Amelinha veio logo em seguida para dar o apoio e vamos continuar lutando.

Não vamos permitir que esses assassinos, esses torturadores, esses caras ridículos como a gente tem visto agora nos depoimentos, essas figuras caricatas absurdas, a gente olha na cara deles hoje, aquele depoente que foi ontem lá na Comissão Nacional da Verdade. Um cara tão covarde, tão covarde, tão dissimulado, tão medroso, não é? Imaginar que esses caras é que mandaram no Brasil, não é?

Esses caras é que mandaram torturar as pessoas, que que aconteceu naquele período que esse bando de loucos governou o Brasil e fez tanta maldade para o povo brasileiro? Vamos desmascará-los e vamos enfrentá-los e vamos para a cerimônia da noite agora. Obrigado Família Merlin.

(Aplausos.)

\* \* \*